

Universidade Federal de Goiás
Instituto de Estudos Sócio-Ambientais
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia



O espaço que ousa dizer seu nome: Territórios GLTBS de Goiânia



Mestrando: Alemar Moreira de Sousa

Orientador: Alecsandro J. P. Ratts

Goiânia – 2005





UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[X] Dissertação [] Tese

2. Nome completo do autor

ALEMAR MOREIRA DE SOUSA

3. Título do trabalho

O ESPAÇO QUE OUSA DIZER SEU NOME: TERRITÓRIOS GLTBs DE GOIÂNIA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **ALEMAR MOREIRA DE SOUSA**, **Usuário Externo**, em 01/07/2020, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de](#)

eletrônica

[outubro de 2015.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Alecsandro José Prudêncio Ratts, Professor do Magistério Superior**, em 01/07/2020, às 19:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1409373** e o código CRC **B8217F6A**.

Referência: Processo nº 23070.029185/2020-68

SEI nº 1409373

ALEMAR MOREIRA DE SOUSA

O espaço que ousa dizer seu nome: territórios GLTBS de Goiânia

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts.

GOIÂNIA/ 2005

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Moreira de Sousa, Alemar

O espaço que ousa dizer seu nome: territórios GLTBS de Goiânia
[manuscrito] / Alemar Moreira de Sousa. - 2005.

CIII, 103 f.

Orientador: Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto
de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em
Geografia, Goiânia, 2005.

Bibliografia.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, gráfico, algoritmos,
lista de figuras, lista de tabelas.

1. Geografia Cultural. 2. Território. 3. Identidade. 4. GLTBS. I.
Prudêncio Ratts, Alecsandro José , orient. II. Título.

CDU 911



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
COORDENADORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
ALEMAR MOREIRA DE SOUSA**

Aos quatorze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e cinco (2005), a partir das nove horas, no Mini-Auditório do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – IESA/UFG, teve lugar a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado do mestrando **Aleamar Moreira de Sousa** que apresentou o Tema: “O espaço que ousa dizer seu nome: territórios GLTBS de Goiânia”. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 036/05 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores: Presidente: Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts, Membros: Prof.ª Dra. Mariana Cunha Pereira e Prof. Dr. Antônio Carlos Pinheiro. Os examinadores argüíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 11:15 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato obtido os seguintes resultados:

Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts – Ass. Alecsandro J. P. Ratts
Aprovado (X) Reprovado ()
Prof.ª Dra. Mariana Cunha Pereira – Ass. Mariana Cunha Pereira
Aprovado (X) Reprovado ()
Prof. Dr. Antônio Carlos Pinheiro – Ass. Antônio Carlos Pinheiro
Aprovado (X) Reprovado ()

Presidente da Banca - Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts

Ass. Alecsandro J. P. Ratts

Resultado final: Aprovado (X) Reprovado ()

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, secretária, e pelos membros da Banca Examinadora.

Secretária..... Roberta Moreira Gonçalves

Roberta Moreira Gonçalves - Mat. 1465919

Aos meus pais Miguel e Rita pelo carinho e compreensão. A minha Vó Tinila pelas lições de vida.

A todos e todas Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais, Bissexuais e Simpatizantes que lutam pelo reconhecimento pela diversidade sexual.

Agradecimentos

Uma das partes mais gostosas de se fazer na dissertação são os agradecimentos. Neste momento podemos percorrer todos os dois anos e quatro meses de envolvimento neste projeto e recordar as pessoas que contribuíram sobremaneira para a realização deste trabalho.

Prefiro de início agradecer a Deus por ter me ajudado nos momentos de desespero. Aos meus pais Miguel e Rita que mesmo sem entender muito minha pesquisa me cobria de carinho e amor. Aos meus irmãos Adriano e Alessandra pelo incentivo ao meu crescimento. Aos meus sobrinhos (as): Igor, Adriana, Heloisa, Gustavo e Eduarda pelos beijos “gotosos” no titio nemá. Ao meu primo-irmão Fábio pelas confidências. As minhas primas Lucivaine e Lucimeire pela diversão e a hospedagem em Goiânia. A minha tia-madrinha Cleusa pela compreensão e carinho comigo. A minha vó Tinila pelas orações e amor. Enfim pra todos e todas da minha família que se envolveram de alguma forma neste trabalho.

Aos amigos(as) Clélio e Adriano da Gaybeiras (Inhumas), Carol (PC do B), Elaine, Mari, Lidiane, Lucas, Marcelo, Fátima e Helton (Colcha de Retalhos) que me ajudaram em todos os momentos.

Em especial quero agradecer ao meu orientador, professor, amigo, Alex Ratts que durante esta pesquisa me ajudou muito a crescer como pesquisador e como pessoa, pelos nossos momentos de alegria, de tristeza e até de medo nos trabalhos de campo.

Aos meus amigos e colegas que conheci durante quase sete anos no IESA, alguma dessas amizades perdurou fora das salas de aula e corredores do IESA. As amigas Evania e Denise pelos momentos gostosos da graduação e fora do curso. Aos amigos (as) que conheci no PET – Programa Especial de Treinamento: Lorena, Wildes, Renata, Marcelo e Rui. Aos colegas da graduação: Ana Paula, Mônica, Genésio, Alexander e Renata. Aos Colegas da pós-graduação: Jaílson (irmãozinho), Eliete, Ruth, Victória, Adriana, Graciely, Mercedes, Neiva e Manuel.

Aos professores(as) e amigos do IESA: Ana Cristina da Silva, Ivanilton José de Oliveira, Antônio Carlos Pinheiro, Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira, Lana de Souza Cavalcanti, João Batista de Deus e funcionários(as) do IESA.

A todos(as) entrevistados (as) que dividiram comigo um pouco de suas vidas. Em especial, a Alessandra Serafim, promotora da Domingueira Millenium pelo seu apoio nas pesquisas de campo.

A Capes (Conselho de aperfeiçoamento de pessoal do ensino superior) pelo apoio financeiro no desenvolvimento da pesquisa.

As minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar convertem o gueto em território e o estigma em orgulho.

(Revista La Gandhi Argentina, 1998)

Resumo

A abordagem da Geografia Cultural se desenvolve como “um caminho” para propor e compreender esses “novos” objetos de pesquisa, suscitados pelas mudanças no mundo contemporâneo. O entendimento da construção da noção de território ao longo da ciência geográfica, bem como a dinâmica territorial elaborada a partir da geografia do gênero, alicerçam a formação dos territórios identitários GLTBS (Gays, Lésbicas, Transgêneros, Bissexuais e Simpatizantes). Diante da Complexidade das metrópoles contemporâneas evidenciamos, em Goiânia um repertório de territórios GLTBS e destacamos as relações entre estes, em especial a Domingueira Millenium. Entendemos que o direito à cidadania perpassa a questão territorial, pois muitas vezes são negados (as) aos GLTBS o direito à cidade. Mas, é preciso ir além dos limites dos territórios GLTBS para não construirmos “pequenos oásis” cercados por um imenso deserto de incompreensão e intolerância.

Palavras-chaves: Geografia Cultural, Território, Identidade GLTBS.

Abstract

The boarding of cultural geography if develops as "a way" to consider and to understand these "new" objects of research, excited for the changes in the world contemporary. The agreement of the construction of the notion of territory to the long one of geographic science, as well as the elaborated territorial dynamics from the geography of the sort they foundation the formation of identity territories GLTBS (Gays, Lesbians, Transgenders, Bissexuals, Sympathetical). Ahead of the complexity of the metropolises contemporaries we evidence, in Goiânia, a repertoire of territories GLTBS and detach to the relations between these, in special the Domingueira Millenium. We understand that the right to the citizenship it involves the territorial question, therefore many times are denied to the GLTB the right to the city. But, she is necessary to go beyond the limits of territories GLTBS not constructing "small oases" surrounded by an immense desert of not to undertand and not tolerance.

Key Words: Cultural Geography, Territory, Identity GLTBS.

Sumário

Considerações Iniciais	16
I Capítulo – O cultural na Geografia e a temática territorial: "Novas" abordagens e "novos" objetos para a pesquisa geográfica.....	25
1.1– A abordagem cultural e a geografia do gênero e das identidades sexuais	25
1.2 –Os deslocamentos sobre a noção – território, territorialidade e a construção das territorialidades urbanas.....	31
1.3 – A geografia do gênero e das identidades sexuais	39
II – Capítulo –Corpo, sexualidade e gênero na formação de identidades territoriais GLTBS	40
2.1 –Entre o ser e o espaço: a construção diferenciada dos corpos a partir do gênero	40
2.2 – (Des)encontros: as relações entre os estudos de gênero e gays e lésbicos	47
2.3 - O surgimento do movimento homossexual brasileiro e suas contribuições	51
2.4 - De Identidades homossexuais às identidades GLTB – Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais.....	53
III Capítulo – Armários e boates, casas e ruas: a constituição de territorialidades GLTBS em Goiânia.	62
Você vive se escondendo	62
3. 1 – Geografias proibidas: entre o armário, a casa, a boate e a rua.....	62
3.2 – Repertório dos territórios GLBTS em Goiânia	67
3.2.1 – Territórios-eventos em Goiânia: as festas de chácaras e a parada do Orgulho GLBT	70
3.3 - A Domingueira Millenium e os outros territórios GLTBS em Goiânia	76
3.4 – A Domingueira Millenium – um território abrigo?	88
Considerações finais	94
Referências Bibliográficas	98

Sumário de ilustrações

MAPA 01 – Bares e Boates GLTBS de Goiânia – 2003-2005.....	18
MAPA 02 – Goiânia, uma cidade gay no coração do Brasil	66
MAPA 03 – Territórios GLTBS de Goiânia – 2005	68
FIGURA 01 – Flyer de divulgação Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2003	72
FIGURA 02 – Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2003 -Concentração no Parque Botafogo	72
FIGURA 03 – Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2003 -Avenida Paranaíba com a Goiás	72
FIGURA04 – Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2003 Encerramento na Praça Universitária	72
FIGURA 05 – Flyer de divulgação da Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2014	73
FIGURA 06 - Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2004 – Abertura.....	73
FIGURA 07 - Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2004 – Praça Cívica	73
FIGURA 08 - Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2004 – Encerramento Pq. Botafogo	73
FIGURA 09 – Cartaz da Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2005	74
FIGURA 10 - Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2005 – Abertura	74
FIGURA 11 - Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2005 – Av. Tocantins	74
FIGURA 12 - Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -2005- Abertura - Encerramento	74
FIGURA 13 – Flyer de Divulgação Parada do Orgulho GLBT no interior de Goiás 2005	75
FIGURA 14 – Flyer de divulgação da Festa Halloween 2004	76
FIGURA 15 – Croqui Domingueira Millenium 2004 – Portaria	77
FIGURA 16 – Croqui Domingueira Millenium 2004 – Festa do 2º Aniversário	77
FIGURA 17 – Croqui Domingueira Millenium 2004 – Vista dos 3 pavimentos .	77
FIGURA 18 – Croqui Domingueira Millenium 2004 – Vista Panorâmica	77
FIGURA 19 -Flyer de divulgação da inauguração da Domingueira Millenium .	89
FIGURA 20- Flyer do 1º aniversário da Domingueira Millenium	89
FIGURA 21 – Flyer do 2º aniversário da Domingueira Millenium	89

FIGURA 22 – Flyer do 3º aniversário da Domingueira Millenium	89
FIGURA 23 -Vista da Pista de dança da Domingueira Millenium	92
FIGURA 24 – Apresentação Drag Queen	92
FIGURA 25 – Apresentação Musical no Início da noite	92
FIGURA 26 – Apresentação Drag Queen	92
FIGURA 27 – Bandeira do Arco-íris (<i>rainbow flag</i>).....	96
CROQUI 01 – Domingueira Millenium	78
CROQUI 02 – Domingueira Millenium – Espacialização dos GLBTS	79
TABELA 01 – Número de Entrevistados por idade/orientação sexual	80
TABELA 02 - Perfil dos frequentadores(as) da Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual e faixa etária	81
TABELA 03 - Perfil dos frequentadores(as) da Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual e cor/raça/etnia autodeclarada	82
TABELA 04 - Perfil dos frequentadores(as) da Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual e classe social	84
TABELA 05 - Locais GLTBS de Goiânia frequentados preferencialmente por orientação/identidade sexual	85
TABELA 06 - Tempo de frequência a Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual	90
TABELA 07 - Regularidade de frequência a Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual	91
TABELA 08 - Atrativos da Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual	93

Considerações Iniciais

O amor que não ousa dizer o nome' nesse século é a grande afeição de um homem mais velho por um homem mais jovem como aquela que houve entre Davi e Jônatas, é aquele amor que Platão tornou a base de sua filosofia, é o amor que você pode achar nos sonetos de Michelangelo e Shakespeare. É aquela afeição profunda, espiritual que é tão pura quanto perfeita. Esse amor é mal entendido nesse século, tão mal entendido que pode ser descrito como o 'Amor que não ousa dizer o nome' e por causa disso estou onde estou agora. Ele é bonito, é bom, é a mais nobre forma de afeição (...) Que as coisas deveriam ser assim o mundo não entende. O mundo zomba desse amor e às vezes expõe alguém ao ridículo por causa dele.

Oscar Wilde, 26 de abril de 1895.

As primeiras palavras são sempre o maior desafio de um trabalho. Como começar então? Poderíamos iniciar este estudo falando do preconceito e da luta cotidiana dos(as) Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais (GLTB) que “ousam” defender os direitos que lhe são negados. Mas, resolvemos falar do amor, das relações amorosas que foram destruídas por convenções e normas sociais. Até os dias atuais, boa parte da sociedade não entende e não respeita essa forma de amar. Assim, este trabalho “ousa” falar e evidenciar estes segmentos “marginalizados” que a sociedade heterossexista “finge” não ver e, quando vê, rotula, classifica e desvaloriza.

Apesar da constante reiteração das normas sociais que regulam a heteronormatividade, temos ao longo do tempo, segmentos sociais que constroem estratégias de transgressão e atravessamento das fronteiras do padrão regulatório. Podemos perceber nas metrópoles, uma maior visibilidade e afirmação destes segmentos sociais “transgressores”, em especial os(as) GLTB. Isto se dá pelas mudanças ocorridas nas grandes cidades, a partir das últimas três décadas. Com o advento da globalização e o processo de urbanização/metropolização podemos observar que a diferença cultural e social torna-se geralmente banalizada em seus sítios. A diferença do outro é banal (COSTA, 2002). Mas, apesar desta relativa banalização, em alguns momentos são ressaltadas as diferenças, em especial nas disputas territoriais.

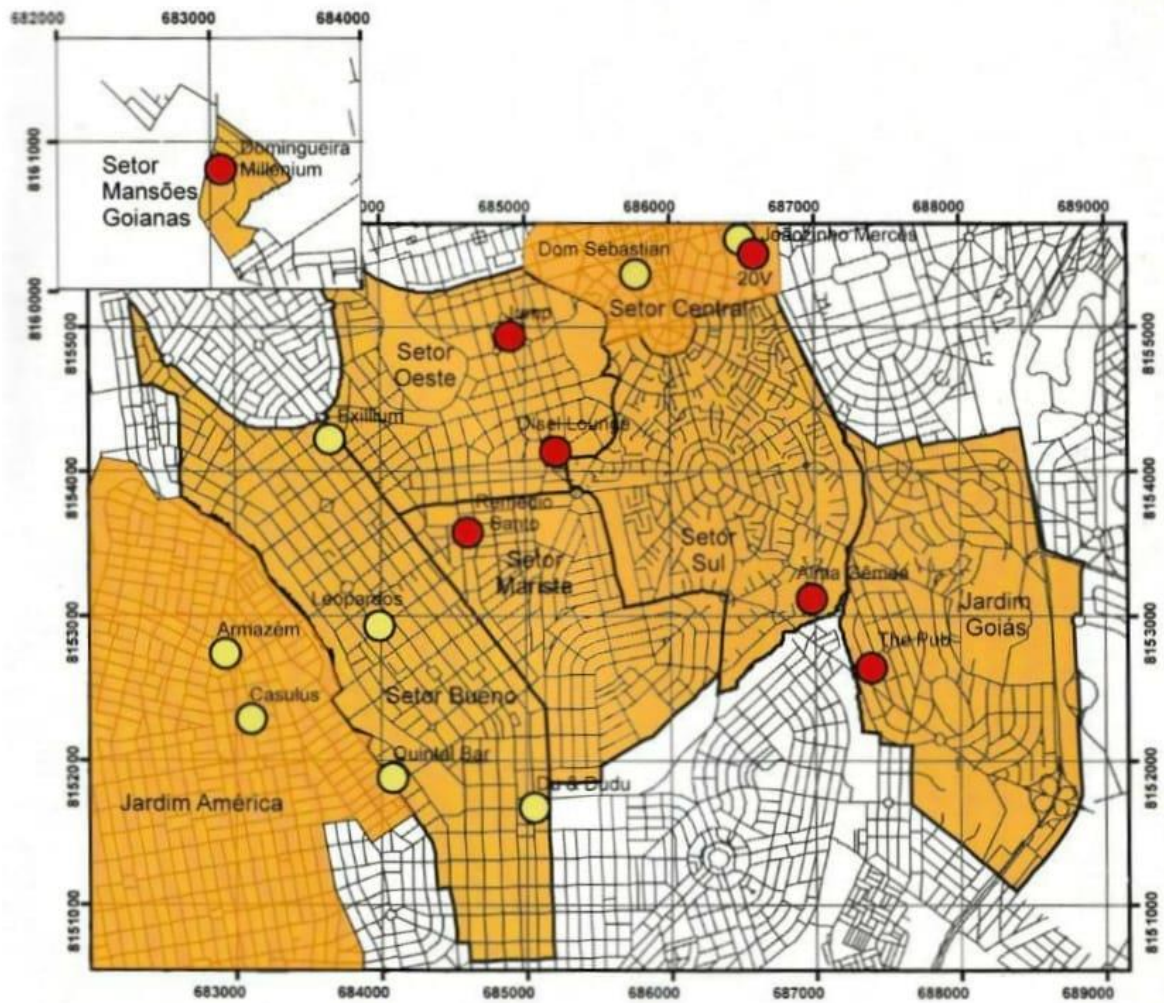
O exemplo das metrópoles estadunidenses – São Francisco, Los Angeles e Nova Iorque são importantes para compreendermos a mobilização dos(as) GLTB's e, conseqüentemente, sua força econômica e política. No Brasil, destacamos o papel do eixo Rio-São Paulo, mais de forma mais acentuada a influência de São Paulo na organização do movimento GLTB, haja vista a diversidade de espaços destinados a estes segmentos, bem como a maior manifestação de luta dos direitos GLTB – A Parada do Orgulho GLBT de São Paulo – que na última edição (2005) reuniu cerca de 2 milhões de ativistas, simpatizantes e curiosos. No caso de São Paulo, ainda não se tem uma influência política, como observamos em São Francisco (EUA). Mas, a influência econômica pode ser percebida pela quantidade de espaços voltados para o público GLBT e pela maior Parada do Orgulho GLBT do mundo, que desde o ano de 2000 acontece no feriado de *Corpus Christi* e, a partir de então se tornou o evento que mais recebe turistas.

Neste contexto, Goiânia por ser uma metrópole regional, constitui uma rede de influência em diversos aspectos. Isto posto, cabe destacar o fluxo dos GLBT's, ligados principalmente ao lazer e articulação política. Assim, observamos a posição centralizadora da capital goiana em sua relação a outras cidades importantes na hierarquia urbana do Estado de Goiás (em especial a cidade de Anápolis) e do Distrito Federal.

A partir dos pressupostos levantados acima procuramos entender a dinâmica dos territórios GLTB's em Goiânia, de março 2003 a julho de 2005. Neste período, observamos a abertura, fechamento e manutenção destes territórios (Mapa 1). Buscamos, também, compreender as diferentes formas de convívio nestes espaços, e a partir da premissa que os corpos e identidades são construídos socialmente, como as clivagens de sexualidade, gênero, raça e classe social contribuem para a formação de territórios identitários GLTBs de Goiânia?

Neste tempo de envolvimento com esta pesquisa foram (re)feitos os caminhos para a construção teórica. Deste modo, além da contribuição da ciência geográfica, em especial da geografia cultural, tivemos que buscar contribuições das demais ciências haja vista o pequeno número de trabalhos geográficos que abordam totalmente ou parcialmente o tema proposto, tais como: de Silva(2002); Oliveira (2002); Costa (2002) que abordam a relação entre grupos homossexuais e as formas de domínio e apropriação do espaço.

MAPA 01 - BARES E BOATES GLTBS DE GOIÂNIA - 2003/2005



LEGENDA

- Bares e boates em funcionamento
- Bares e boates fechados
- Bairros com locais GLTBS
- Outros bairros
- Ruas

0 500 1.000 1.500
Metros

Projeção UTM - SAD-69
Origem da kilômetragem: equador e meridiano 51° Oeste

2

Fonte do mapa base:
Sistema de Informações Geográficas de Goiânia (SIGGO)

Fonte dos dados:
Pesquisa de campo

Autor:
Alemar M. de Sousa

Elaboração cartográfica:
Ivanilton José de Oliveira

A Geografia é queer?

Para Louro (2004) o termo *queer* pode ser traduzido como estranho, raro, esquisito. Mas, pode ser, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. E continua:

Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina”. (LOURO, 2004, p. 07)

Como afirma Louro (2004) a teoria *queer* além de possibilitar a análise das identidades sexuais e de gênero, também, pode ser transposta para pensarmos novas formas de entendermos a cultura, o conhecimento, o poder e a educação. Sendo assim, é possível construirmos um conhecimento geográfico *queer*?

Ao analisarmos a história do pensamento geográfico perceberemos que ela não é *queer*. Nem por isso devemos desanimar, pois o conservadorismo implícito a esta ciência passa a conviver com o surgimento de “novas” e/ou renovadas abordagens que visualizam temas e objetos até então definidos como não geográficos.

O (res)surgimento da abordagem cultural na geografia e a escolha de alguns temas pode ser um exemplo interessante na busca de novos caminhos para ampliarmos a leitura espacial dos grupos marginalizados e/ou subculturas ou, tais como: negros, mulheres, índios, prostitutas, garotos de programa, GLTB's, entre outros. Mas, aqui não se pretende definir a geografia cultural enquanto caminho alternativo único, pois algumas pesquisas desenvolvidas pela própria geografia cultural podem ser entendidas como “conservadoras”.

Homossexual, Gay, GLS, GLTB, GLTBS.

A utilização em diversos momentos das noções: “homossexual”, “gay” e “lésbica” para referirmos o conjunto de práticas e valores relacionados aos vínculos

afetivos e sexuais estabelecidos entre iguais biológicos, na qual o homem e a mulher se auto-identifica como homossexual (ALMEIDA NETO, 1999).

Para Garcia (2004) além dos termos homossexual e gay, outras denominações foram criadas, ao longo dos anos, tais como: sodomita, uranista, pederasta, bicha, entendido e viado. Os três primeiros quase não são mais utilizados porque remontam à imagem ultrapassada de “invertido”. Gay e as três últimas terminologias são mais utilizadas no contexto atual, mesmo que se evidencie com uma conotação pejorativa.

Gay é uma palavra de origem inglesa que significa literalmente *alegre*. É geralmente usada para se referir a homossexuais. A palavra evoluiu para designar não somente homossexuais masculinos mas também mulheres lésbicas e, inclusive, transexuais, em resumo, todas as pessoas de sexualidade minoritária. Através do inglês a palavra gay espalhou-se a outras línguas. A utilização do vocábulo gay para referirem-se a si mesmos, a sua conotação negativa foi se perdendo. Em outras palavras, os homossexuais apropriaram-se da palavra, retirando-lhe assim a carga insultuosa. Vale notar que existem pessoas no Brasil que preferem a grafia *guei* ao invés do que já se tornou convencional internacionalmente.

Com os movimentos sociais em defesa dos direitos da liberdade sexual iniciados no final da década de 1960, nos Estados Unidos e a ampliação para o mundo inteiro, o termo gay passa a ser difundido, também de maneira global. Nas décadas de 1970 e 1980 surgem diversos grupos, no Brasil e no mundo, ligados ao “movimento gay” dentre eles podemos destacar o GGB – Grupo Gay da Bahia fundado em 1980. Os grupos e associações criados(as) até a década de 1990 prioritariamente defendia o direitos dos gays, apesar de em alguns momentos incluir as lésbicas, os (as) transgêneros, os (as) bissexuais sob a rubrica gay, e em casos extremos, lutava para a construção identitária do gay branco e de classe média. Louro (2004), as campanhas políticas destes grupos carregavam marcas dos valores raciais dos brancos e da classe média, e ostentavam, sem nenhum questionamento, os valores tradicionais, como o relacionamento monogâmico. Tanto para as lésbicas, quanto para os bissexuais e transexuais esta política identitária os/as deixava de fora, mantendo-se a margem.

Segundo Garcia (2004), gay - passa a ser reconhecida como a terminologia “politicamente correta” pressupondo uma identidade de postura ideológica ultrapassando a orientação sexual. Ampliando-se numa perspectiva que (re)dimensiona aspectos socioculturais. Para o autor, de certo modo a condição gay, pode ser entendida: “(...) *como um “estilo/tipo” de vida pluridimensional, demonstra uma prática sociocultural determinada por uma circunstância/situação (conduta, atitude, comportamento e linguagem) específica das comunidades gays*”(GARCIA, 2004, p. 80).

Além dos grupos e associações ligados à terminologia gay podemos destacar, a partir das décadas de 1970, alguns eventos que marcados pelo uso deste termo, como: O baile Gala Gay, no Carnaval do Rio de Janeiro; Miss Gay Brasil, em Juiz de Fora – MG; dentre outros.

O termo GLS passou a ser utilizado em decorrência do aumento do consumo direcionado aos Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Mas, como afirma Trevisan (2000), a partir da sigla que qualificava as categorias dos modelos de carro, GLS (*Gran Luxo Super*) apropriou-se esta para os locais freqüentados pelos segmentos abordados acima. Para o autor, esta sigla possibilitou a ampliação das atividades culturais ligadas à homossexualidade, mas que transpôs as fronteiras da “cena guei”.

GLBT – Os atributos do conceito *queer* evidenciam a multiplicidade de variante de gêneros, subjetividades, movimentos e comunidades que a diversidade sexual abarca em diferentes polaridades, revisadas e distribuídas por categorias gays, lésbicas, bissexuais e/ou transgêneros (GARCIA, 2004). Deste modo, percebemos a adoção da sigla GLBT nos movimentos de reivindicação dos direitos dos Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros. Isto pode ser observado com a tentativa do movimento, em especial nas conhecidas Paradas do Orgulho, que antes eram popularmente definidas como Parada do Orgulho Gay, passaram a ser denominadas Parada do Orgulho GLBT. Mas a polêmica não se resolve tão simplesmente, a ordem das letras, e conseqüentemente, do segmento depende sobremaneira da força política que cada um destes tem no interior do grupo. Em alguns casos adiciona-se a letra S, para os Simpatizantes. Em outros casos, o único T (Transgênero) é substituído por dois T (Travestis e Transexuais).

GLTBS – Nesta pesquisa escolhemos trabalhar com esta definição. Apesar de ser muito parecida com a anterior, destacamos o T (Transgênero) antes do B (Bissexual), pois os Transgêneros são mais engajados na defesa dos direitos destes segmentos. E acrescentamos os S (Simpatizantes), já que estes(as) contribuíram no desenvolvimento deste estudo.

O campo é camp?

Wood & Brett (2005) definem *camp* como um estilo disruptivo de humor que desafia cânones de gosto e, por sua própria natureza, elude qualquer definição estável. Garcia (2004) diz que a noção de *camp* aparece através de diversos arranjos discursivos que demarcam o estar na fronteira dos diversos modos de vivenciar as práticas homoeróticas.

Para Seemann (2003), a fronteira entre o geógrafo cultural e sua pesquisa é imperceptível. Para ele,

(...) seja na antropologia, seja na geografia cultural, o pesquisador (observador) faz parte de sua pesquisa (do seu campo de observação) e precisa pensar sobre o choque de visões de mundo entre a própria posição e a do seu “objeto” de estudo. (p. 265).

O trabalho de campo se deu a partir dos parâmetros da observação participante, considerando a proximidade existente do pesquisador com o campo de pesquisa. Para Clifford *apud* Alves (2003), a pesquisa não deve ser iniciada a partir da observação participante, mas com preocupação com a construção de um arcabouço teórico.

Algumas inquietações elucidadas no trabalho de Alves (2003), foram importantes para demarcar as fronteiras entre o pesquisador e a pesquisa. De quem falo? E quem fala de mim? E ao transpor a questão racial desenvolvida pelo referido autor para esta pesquisa. Temos como preocupação a “condição” homossexual/gay que se inscreve não só no meu corpo, bem como os corpos gays, lésbico, transgêneros e bissexuais dos entrevistados. Nesta perspectiva, Santos *apud* Garcia (2004, p. 42) elucida as pesquisas com os corpos *queers*:

Apesar de uma infinita multiplicidade de forma, o corpo *queer* não é uma abstração ideológica (ou zoológica) que pode ser estudada, classificada e objetificada pela elite intelectual. Ao contrário de pesquisadores pós-modernos que “esbarram” com a transgressão sexual em plenárias, conferências e outros espaços abstratos e seguros, a maioria dos sujeitos *queers* (viados, sapatões, bichas loucas, travestis, transexuais e outros ditos anormais) vivem na pele a “trAns-GRESSÃO” pela coragem de ser e VIVER diferente. Não somente os nossos sonhos e ideais, mas também os nossos corpos são moldados, maltratados, gozados, mutilados, e exilados por recusarem-se a refletir a norma e a reproduzir o padrão da ideologia vigente.

Ao estabelecer a observação e o diálogo com interlocutores(as) variados(as) – gays, lésbicas, travestis, bissexuais, simpatizantes, proprietárias, funcionários(as) – encaminhamos os(as) mesmos(as) para entrevistas, respeitando sua privacidade. Assim, entrevistamos 60 pessoas entre os segmentos expostos acima.

A observação, bem como a entrevista contribuiu para a elaboração dos Mapas e croquis. Isto em decorrência do aparecimento de espaços não tão demarcados pelos GLTBS. Deste modo, os mapas elucidaram a espacialização do quantitativo de pontos, territórios GLTBS de Goiânia e também de diversidade destes locais (bares, boites, saunas, etc.).

As fotos, tabelas e *flyers* serviram para evidenciar a dinâmica dos espaços analisados nesta pesquisa, em especial a Domingueira Millenium, onde foram verticalizado as entrevistas e observações mais constantes. A escolha da Domingueira Millenium se deu pela maior pluralidade dos segmentos GLTBS, em especial as Lésbicas e Travestis, pois em contraponto, podemos perceber nas outras duas boates D!sel e Jump o predomínio dos Gays de classe média e brancos. Associado à pluralidade dos segmentos, temos também na Domingueira Millenium a pluralidade de classe social e raça e gênero.

Apresentando o espaço que ousa dizer seu nome

O título da dissertação, *O espaço que ousa dizer seu nome: territórios GLTBS de Goiânia* remete ao poema do escritor inglês Oscar Wilde (1854-1900) – *O amor que não ousa dizer seu nome* – referência ao relacionamento afetivo entre homens (SPENCER, 1996 A, p.268-269). De maneira alguma se defende aqui a retificação do espaço como uma entidade com personalidade própria.

Este estudo foi dividido em três capítulos. O primeiro, *“O cultural na Geografia e a temática territorial: ‘Novas’ abordagens e ‘novos’ objetos para a pesquisa geográfica”*, apresentamos uma discussão conceitual da abordagem cultural na geografia, bem como os deslocamentos sobre as noções de território, territorialidade e a construção das territorialidades urbanas na ciência geográfica. Em seguida direcionamos os caminhos para a construção da geografia do gênero e orientação sexual.

No segundo capítulo, *“Corpo, sexualidade e gênero na formação de identidades territoriais GLTBS”* discutimos a construção dos corpos a partir do gênero. Posteriormente evidenciamos o (des)encontros entre os estudos de gêneros e homossexualidade, e a partir daí abordamos a invenção da homossexualidade e as bases para a formação do movimento homossexual brasileiro. Através deste movimento postula-se uma política de Identidades homossexuais daí propomos a valorização e o respeito das diferentes identidades GLTB – Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais. Por fim, apresentamos a formação de territórios identitários GLTBS, bem como a relação entre o armário, a casa e a rua.

O terceiro capítulo – *“Armários e boates, casas e ruas: a constituição de territorialidades GLTBS em Goiânia”* apresentamos o repertório de espaços GLTBS em Goiânia e analisamos a Domingueira Millenium e sua importância para a vivência do segmento GLTBS na metrópole goiana.

Por fim, evidenciamos a necessidade destes estudos para revelar as diferentes facetas de uma metrópole como Goiânia e destacamos a importância destes espaços para a construção da cidadania destes segmentos. Mas, deixamos bem claro que esta pesquisa só mostrou algumas pistas para a pesquisa geográfica neste campo. Continua aberto o desafio para mais pesquisas acerca destes territórios.

I Capítulo – O cultural na Geografia e a temática territorial: "Novas" abordagens e "novos" objetos para a pesquisa geográfica

A geografia alcança neste fim de século a sua era de ouro, porque a geograficidade se impõe como condição histórica, na medida em que nada considerado essencial hoje se faz no mundo que não seja a partir do conhecimento do que é o território. Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde o homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (MILTON SANTOS, 1999, p. 07)

1.1– A abordagem cultural e a geografia do gênero e das identidades sexuais

Para entendermos o que Ratts (2003) define como o *boom* da geografia cultural na atualidade faz-se necessário percorrer os caminhos trilhados por esta abordagem na ciência geográfica. Algumas questões norteiam este percurso, tais como: A partir de quando e quais "escolas" pode-se perceber a abordagem cultural em suas pesquisas? A geografia cultural é uma abordagem, disciplina ou sub-disciplina na geografia? A que se dedica os estudos culturais?

Segundo Claval (1999), a abordagem da geografia cultural clássica ou tradicional surgiu no final do século XIX, basicamente em três escolas: francesa; alemã e norte-americana. Mas, é a escola norte-americana que passa a identificar estes estudos sob a rubrica da geografia cultural, principalmente pela influência de Sauer (1925[1998]) precursor dos estudos culturais norte-americanos.

A geografia cultural tradicional francesa dedicava-se ao estudo dos aspectos materiais das culturas, o vestuário, o habitat, os utensílios e as técnicas. Destes estudos são desenvolvidos conceitos valorizados pela pesquisa geográfica, como o de gênero de vida e através de La Blache este passa a ser visto não só pela dimensão naturalista, mas também pela dimensão cultural. Outra forte influência da dimensão cultural na geografia francesa pode ser percebida nos estudos de Brunhes e Defontaine como evidencia Claval: *Existe outra maneira, entre os geógrafos franceses, de explorar os fatos da civilização: estudar os traços culturais, sua distribuição e a marca que eles imprimem na paisagem* (CLAVAL, 1997. p. 91). Para o autor, esta segunda vertente de trabalhos apresenta falhas por ser produzida por

uma abordagem cultural externa. Assim, não se questiona as representações, os valores pela qual são direcionadas a ação dos indivíduos, bem como a organização espacial.

Uma característica em comum pode ser percebida entre os estudos franceses e os norte-americanos a abordagem cultural externa. Como foi referido acima, os trabalhos na geografia cultural norte-americana se estruturou sob a forte influência de Sauer (1925[1998]) que se interessou,

pelas transformações que a cultura impõe aos ambientes naturais. Ele estuda as paisagens para dimensionar como o homem modifica, de forma mais ou menos profunda, instalando-se em meios ainda naturais. (Claval, 1997. p. 91)

Os geógrafos culturais alemães desenvolvem trabalhos interessados pela análise da paisagem tendo como base os trabalhos do francês Jean Brunhes. Os estudos estavam mais voltados para ação do homem e as transformações dos recursos naturais. Como observa Claval (1997), sobressaem três características desta análise: a organização do espaço, os traços visíveis da paisagem, e a alma do povo que a modelou.

Para Claval (2002), a partir da década de 1960, a geografia cultural passou por um período de enfraquecimento. Isto se deve à própria característica dos estudos culturais na geografia, pois estes se alicerçaram nas diferenças entre as sociedades através das suas bases materiais e de sua maneira de se envolver com o ambiente. Neste contexto, o progresso técnico impulsionado pelo processo de modernização tributário das transformações ocorridas neste período, pôs em cheque os estudos conhecidos como passadistas.

A retomada destes estudos, bem como sua valorização só acontece cerca de quinze a vinte anos após a década de 1960. Apesar da propensa uniformidade impulsionada pela modernização, a “diferenciação” dos lugares ainda é uma questão que intriga e faz parte dos estudos geográficos. Claval (2002) aponta como um dos fatores para a renovação da geografia cultural a mudança nos aspectos da vida material, e comenta o exemplo do consumismo que se uniformiza em todo o mundo. Apesar desta uniformização, o peculiar, o específico de certa forma se valoriza nos estudos culturais, pois são estas variáveis que dão sentido a formação da identidade.

Nesta perspectiva, ao analisar a intensificação das migrações, em especial nas grandes metrópoles, Claval (2002), retoma o interesse pela formação das identidades. Para o autor, ao invés de se criar identidades coletivas nestas grandes metrópoles onde convivem indivíduos de diferentes lugares e culturas, ambiente propício para se visualizar a hibridez das identidades formando a imagem do *melting pot*, o que se vê é a formação de segmentos ou grupos sociais que tendem a se afirmar diante do processo de homogeneização. Para isso, alguns vão além da afirmação enquanto diferente e passam a opor a integração.

Abre-se assim um campo a ser estudado pelos geógrafos culturais, propiciando nas duas últimas décadas do século XX, o nascimento da “nova” geografia cultural. Esta surge das transformações implementadas pelo processo de globalização, as limitações da abordagem tradicional e a forma como passa a ser entendida a noção de cultura. Estes três aspectos apresentados acima são fundamentais para entendermos as mudanças ocorridas nas pesquisas geográficas, em especial, o terceiro.

A ideia de cultura estruturou-se a partir das ciências sociais e em torno do qual surgiu a antropologia (GEERTZ, 1989). Assim, esta noção reforça o sentido de humanidade afastando, então, as explicações biológicas ou naturais do “mundo humano”. A influência das ciências naturais sobre as ciências sociais fez surgir uma grande questão, como trabalhar a relação sujeito-objeto de forma distanciada? Para Gomes (1998), *“à compreensão dos fatos culturais é justamente a possibilidade de mergulharmos neste mundo de significações, de participarmos de sua dinâmica.”* (GOMES, 1998. p. 02)

Para Claval (1999), deve ser feita uma distinção entre a noção de cultura nas gerações de geógrafos antes e depois das décadas de 1980 e 1990, para os autores anteriores: *“... a cultura era, tal como o homem e a sociedade, uma entidade abstrata que se impunha do exterior sobre cada um.”*(CLAVAL, 1999. p. 64) . Os autores que difundem a nova geografia cultural compreendem a cultura como: *“... um conjunto de savoir-faire, de práticas, de conhecimentos, de atitudes e de idéias que cada indivíduo recebe, interioriza, modifica ou elabora no decorrer da sua existência. (CLAVAL, 1999. p. 64).*

Seemann (2003), ao questionar o papel da cultura na/para geografia retoma o pensamento de vários autores antes da “virada” cultural das últimas décadas do

século XX. Para estes geógrafos a cultura era percebida como sendo o resíduo na pesquisa geográfica ou o inexplicável em uma análise.

Jackson *apud* Seemann (2003), ao associar questão cultural a geografia enfatiza que a: “... *cultura não é apenas socialmente construída e geograficamente expressa, mas também espacialmente constituída.*” (Seemann, 2003. p. 266). E acrescenta a importância da geografia na variação cultural através do entendimento da diversidade e da constituição da cultura. Para Bonnemaïson (2002), o fator cultural da forma como é concebido, atualmente, diferente da concepção materialista contribui para o entendimento da relação sociedade espaço. Ao definir cultura como:

uma outra vertente do real, um sistema de representação simbólica existente em si mesmo e, se formos ao limite do raciocínio, como uma” visão de mundo “que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação sociedade e espaço.(BONNEMAISON, 2002. p. 86).

Deste modo, é através da ideia de cultura, traduzida em termos de espaço, que influenciam na formação da ideia de território. É a partir da existência de uma cultura que surge o território que ao se fortalecer evidencia a relação simbólica entre a cultura e o espaço.

Assim como na relação cultura e espaço, faz-se necessário distinguir as mudanças ocorridas pelas transformações espaço-temporais e a consequente mudança dos conceitos/noções, não é compreensível defender ou elaborar uma única concepção de cultura, haja vista que esta noção está em constante evolução (CLAVAL, 1999).

Assim como não a um consenso na definição de cultura, bem como o seu papel na geografia. Podemos perceber que não há consenso também em relação à geografia cultural, sendo esta vista como abordagem, disciplina ou subdisciplina. Claval (2002) questiona a autonomia desta propensa disciplina. Para ele, a preocupação maior em defini-la como um novo campo dentro da geografia resulta no aumento de rótulos, como: geografia econômica, geografia social, entre outras. O autor atribui à criação da disciplina ou subdisciplina o desaparecimento do seu projeto globalizante que é: “...o de compreender o papel do homem na diferenciação espacial, na organização regional da crosta terrestre e na afirmação da identidade dos lugares.” (CLAVAL, 2002. p. 136).

Seemann (2003) evidencia a geografia cultural como subdisciplina. Como tal, o autor expõe o interesse dos pesquisadores pela questão cultural nos diversos campos ou subcampos da geografia, em especial a geografia humana. A construção de um aporte empírico e teórico-metodológico contribuiu para o atual estágio da comunidade acadêmica, principalmente dos países anglo-saxônicos, contribuindo para que a maioria dos geógrafos humanos se dedique à geografia cultural. Embora eles ainda sejam conhecidos como geógrafos urbanos, geógrafos históricos, ou geógrafos da população.

Compartilhamos da concepção de Claval (1999) em defender a geografia cultural enquanto uma abordagem. Sendo assim, esta não se torna mais uma subdivisão da ciência geográfica. Para ele, com a criação da disciplina geografia cultural recairia em mais fragmentação, surgindo então, subdisciplinas, como: geografia das religiões, geografia das paisagens, entre outras. Como argumenta Claval (1999, p. 94):

O significado da abordagem cultural é diferente. Ela não está ligada à descoberta de um novo campo aberto à investigação geográfica - há muitas pesquisas desenvolvidas nesta área. Ela corresponde a uma nova maneira de pensar a geografia. Os hábitos que prevaleciam levavam, por vezes, a fazer do homem ou da sociedade entidade abstratas sobre as quais o geógrafo não se interrogava. Desta forma, ficavam na sombra certas formas essenciais da diversidade terrestre. A abordagem cultural evita esses desvios: ela estabelece as condições de materialidade, historicidade e geograficidade de todo fato humano e social.

Neste contexto, como podemos perceber a relevância desta abordagem nos trabalhos atuais dos geógrafos culturais? A que eles se dedicam suas pesquisas? Segundo Seemann (2003, p. 263):

Os geógrafos culturais estudam música, gênero, identidades, *shopping centers*, atrações turísticas, literatura, consumismo, raça, etnicidade, espetáculos e festas, representações, restaurantes e parque temáticos, passeatas e movimentos sociais.

Para Claval (1999), é muito complicado evidenciar todas as orientações dos estudos culturais na geografia atual. O autor lança algumas tendências na qual podem ser desenvolvidas pesquisas, tais como: a análise dos conceitos de base; o corpo, os

sentidos e a apreensão do mundo; o papel das mulheres e a construção cultural dos sexos; a vida material e suas representações; identidade e território e a paisagem.

Ao se desenvolver um trabalho com territórios GLTBS de uma metrópole percebemos que esta pesquisa perpassa por algumas das tendências apresentadas acima. Pois, temos como preocupação, a construção dos conceitos básicos da Geografia, em especial, território e territorialidade; a relação corpo-espço; a construção cultural do sexo e a relação entre identidade e território.

Parafraseando o geógrafo Gomes (2000), o mundo não cessa de engendrar novas dinâmicas e desafiar velhas certezas. Amparado nas transformações decorrentes da globalização e entre outros fatores pode-se identificar a criação de “novas dinâmicas” e o desafio ou questionamento de “velhas certezas”. Nesta perspectiva, abre-se o horizonte para se entender as múltiplas transformações a qual a sociedade está passando e, como a Geografia enquanto ciência pode contribuir para esse entendimento.

Na valorização da multiplicidade ser tributário do discurso pós-moderno, Gomes (2000, p. 338), defende *“a ideia de que a ciência é uma construção, que é filha do seu tempo, variada e multiforme. Como tal, várias também são as formas aceitas de trabalhá-la e desenvolvê-la”*. Para o autor, o ideal positivista alicerçado no consenso lógico e no mundo de certezas é substituído por novas vias alternativas que dão ênfase ao dissenso e ao mundo de dúvidas e incertezas.

Daí a importância que deve ser dada às novas vias ou vias alternativas, como acrescenta Gomes (2000):

Essas novas vias são novas descobertas, iluminam nossos objetos com outras cores, revelam novos aspectos. Ao mesmo tempo que situam os problemas geográficos em outros meridianos de investigação, criam também novos paralelos que redefinem e relativizam a ciência geográfica como todo. Estes novos ‘lugares’ da pesquisa geográfica não se dobram a centralidade temática nem à unidade metodológica. São, por assim dizer, novos espaços, contribuindo na permanente redescoberta do mundo. (GOMES, 2000, p. 338)

A (re)descoberta do “mundo” se dá a partir da aventura da exploração. E como comenta Gomes (2000), o aventurar-se faz parte da tradição geográfica. Esta característica do conhecimento geográfico tem sua base nos primeiros viajantes e, porque não geógrafos, que relatavam as descobertas de novas terras ou faziam uma

releitura de terras já conhecidas. Deste modo, o autor questiona o papel do geógrafo na atualidade: *“O que faz o geógrafo hoje em dia senão renovar a redescoberta incessante desta terra? Cada nova abordagem, cada nova contextualização é uma revisita à terra incógnita.”* (Grifo nosso. GOMES, 2000, p. 338).

Neste contexto, ao estudar os territórios GLBTS de uma metrópole regional como Goiânia deve-se estar atento a esta redescoberta. Não é que estes territórios não existissem antes, bem como estes segmentos sociais. Mas, através da abordagem cultural na geografia este objeto é iluminado com “novas” cores e revelam “novos” aspectos. Cabe ressaltar que ao acompanhar a evolução da abordagem cultural na geografia e sua atual configuração, esta está mais “aberta” a estes estudos, não sendo única e exclusiva.

1.2 – Os deslocamentos sobre a noção – território, territorialidade e a construção das territorialidades urbanas

Uma das questões da Geografia é o estudo do território, noção que tem passado por deslocamentos de sentido e abordagem. Para Machado (1997) e Almeida (2003), a polissemia a cerca da noção de território se deve a dificuldade de conceituação não só na ciência geográfica, como nos demais campos de conhecimento, em especial nas ciências humanas. Mas, Almeida (2003) atribui esta polissemia por este ser uma noção (conceito) e categoria de análise de algumas ciências e acrescenta a necessidade, no âmbito da geografia, de lhe atribuir um caráter espacial.

A primeira contribuição para a geografia da noção de território remonta o final do século XIX. Ratzel, em sua “Antropogeografia” incorpora das ciências naturais, especificamente da etologia (estudo comparativo do comportamento dos animais), a noção de território e o transpõe para o conhecimento geográfico modificando a ideia de domínio natural para a de posse ou propriedade (MACHADO, 1997).

Souza (2001) apresenta Ratzel como o primeiro grande autor da Geografia Política. Nesta mesma linha de pensamento, Moraes (2000) atribui a contribuição ratzeliana à formação de campos de estudos: a Geografia Política e Geopolítica. Para

isso, o autor apresenta a (re)conceituação de território que serviu de base para o desenvolvimento deste campo: “... *é um espaço qualificado pelo domínio de um grupo humano, sendo definido pelo controle político de um dado âmbito espacial (RATZEL apud MORAES, 2000. p. 19)*”.

A construção conceitual ratzeliana tem “como pano de fundo” à situação da Alemanha em meados do século XIX, que apesar de um intenso desenvolvimento de suas colônias, ainda apresentava-se de forma fragmentada. Com a configuração do Estado Alemão, no governo de Bismarck, a conceituação de território associava-se a idéia de Estado-Nação (MACHADO, 1997).

A geografia política a partir dos estudos de Ratzel dedicou-se a análise territorial através da escala nacional. Estas pesquisas foram desenvolvidas até meados do século XIX, sob a rubrica da geografia tradicional clássica. Moraes (2000) aponta dois motivos que desencadearam o enfraquecimento e/ou desaparecimento do conceito de território nas pesquisas em geografia: a despolitização da reflexão geográfica e a hegemonia da geografia regional francesa, já Machado (1997) atribui à associação dos trabalhos da geografia política às ideologias expansionistas e a influência naturalista.

Nesta perspectiva, a temática territorial é relegada à geopolítica dos Estados-Maiores. Para Moraes (2000), as teorias geopolíticas e jurídico-administrativas trabalham como o conceito de território como:

...um “suposto”, uma base empírico-factual com a qual se inicia a teorização proposta. Para a geopolítica e o direito, o território “nacional” é visto como uma unidade política econômica e jurisdicional (MORAES, 2000, p. 20).

A “despolitização” dos estudos geográficos influenciadas primeiramente pela geografia regional francesa e, posteriormente pela geografia teórico-quantitativa, passa a ser questionado a partir dos anos de 1960. Neste contexto, Moraes (2000) evidencia a repolitização da geografia pelo viés da orientação metodológica marxista, recolocando a temática territorial em evidência, e além de dedicar seus estudos ao “tradicional” território nacional, amplia a escala de análise para todo o espaço terrestre.

Com a consolidação da geografia crítica na década de 1970, os estudos espaciais passam a valorizar as relações de poder. Sendo assim, o conceito de território retoma

a sua importância e configura-se como um dos conceitos-chaves da geografia (CORREA, 2001).

Com a internacionalização da economia e dos mercados a partir da década de 1970, o mundo reestrutura-se provocando fragmentações e desigualdades territoriais que ultrapassam as discussões limitadas ao Estado-Nação. Desta forma, Santos (2000) aponta como saída para a ampliação das análises territoriais, a transnacionalização do território.

Com a intensificação do processo de globalização, nas décadas de 1980 e 1990, percebemos que a temática territorial, além de ser realizada em escala global e na nacional, passa a ser desenvolvida em níveis locais, especialmente nas grandes metrópoles (MACHADO, 1997).

Segundo Silva (2002), os estudos geográficos atuais complexificaram e enriqueceram o conceito de território. Para Machado (1997), a sua relevância deve-se não só ao aporte físico-material, mas também a questão simbólica que a sociedade imprime ao construí-lo. E, acrescenta:

A questão fundamental continua sendo a de saber como se organiza uma sociedade na relação com o espaço, o que pressupõe examinar minuciosamente fatores materiais e não-materiais. Nesses termos, analisar o território significa entendê-lo como um produto da história da sociedade, e que, portanto, está em constante modificação (MACHADO, 1997, p. 26).

Apesar das diferentes concepções acerca da noção de território na geografia atual percebemos que boa parte dos geógrafos o define a partir do da apropriação espacial, das relações de poder e da ligação afetivo-simbólica da sociedade com o espaço analisado. Assim, pretendemos evidenciar algumas contribuições de geógrafos contemporâneos na construção desta noção.

Para Moraes (2000), o território deve ser entendido em enquanto uma construção humana, diferentemente de alguns conceitos geográficos, este prescinde da ação da sociedade, pois este só pode ser construído por e a partir do processo de apropriação de um espaço natural ou social. E, argumenta:

O território é um produto socialmente produzido, um resultado histórico da relação de um grupo humano com o espaço que o abriga.

Tal característica diferencia este conceito na comparação com outros comumente utilizados pela geografia (como região ou paisagem), que podem manifestar-se adjetivados por fenômenos naturais. O território é, portanto, uma expressão da relação sociedade/espço, sendo impossível de ser pensado sem o recurso aos processos sociais (MORAES, 2000, p. 19).

Para Claval (1999, p. 79), território é:

Uma aposta entre poderes, disputado, apropriado, ameaçado, povoado, explorado; ele integra uma dimensão natural (a extensão-suporte), uma dimensão sociopolítica (os sistemas de controle ou apropriação do qual é objeto) e uma dimensão cultural (a carga simbólica de que ele se reveste para os indivíduos ou grupos que neles capturam uma parte ou a totalidade de sua identidade).

Haesbaert (2002, p.121) define território como:

... o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio e o controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados .

Percebemos, então, que o domínio do espaço por um grupo ou segmento pode desencadear o fortalecimento de diferenças ou uma abertura para relação mais harmoniosa.

Souza (2001), ao abordar a temática territorial evidencia o território como:

... um *campo de forças*, uma *teia* ou *rede de relações sociais* que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um *limite*, uma *alteridade*: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da “comunidade”, os *insiders*) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os *outsiders*) (2001, p. 86).

Sendo assim, Souza (2001) propõe uma análise da noção de território voltada para as relações de poder. Para esse autor a questão primordial para compreensão da gênese de um território é entender “*quem domina ou influencia e como domina ou influencia este espaço?*” (2001. p. 78).

Haesbaert (2002) destaca importantes variáveis para apreendermos a dinâmica de um território, como: as classes sociais, os grupos culturais e as escalas geográficas. Para Almeida (2003), a compreensão do território se dá a partir das:

interações entre um grupo social e seu território. Porém, isso significa também situar o grupo social/território e suas interações em um conjunto mais ou menos vasto. Um território, um grupo social não são isolados. Eles efetuam trocas com o exterior do qual não se deve esquecer para descrever e compreender a morfologia e a dinâmica territoriais. Isto posto cabe registrar que é da diversidade dos grupos sociais que resulta àquela dos territórios: dimensão, configurações espaciais, funcionalizações tudo pode modificar de um território a outro (2003. p. 02).

Como lembra muito bem Almeida (2003), Souza (2001) e Haesbaert (2002), o estabelecimento de um determinado território ocorre diante das relações de poder entre o grupo social formador deste e o grupo externo. Diante desta situação, percebemos, em especial nas metrópoles, a formação de múltiplos territórios. Para Gomes (2002), este fenômeno faz parte da configuração da cidade contemporânea e pode ser referenciado, também, como a *tribalização* no/do urbano.

Outro fator importante na construção do território é a escala geográfica. Segundo Haesbaert (2002), a atual dinâmica do mundo possibilita a vivência de múltiplas escalas, e conseqüentemente, a experimentação de múltiplos territórios.

Para Souza (2001), o território pode ser construído a partir diferentes escalas geográficas e temporais, como argumenta:

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex. uma rua) à internacional (p. ex., a formada pelo conjunto dos países-membros da Organização do tratado do Atlântico Norte – OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também pode ter uma existência periódica, cíclica (p. 81).

A partir das características apresentadas acima o autor evidencia a mudança de direção das análises territoriais, dos grandes territórios para as territorialidades complexas das metrópoles. Deste modo, percebemos a importância dos estudos das diversas territorialidades urbanas, pois, os contrastes destes espaços estão relacionados à fragmentação, à superposição e à mobilidade.

Moraes (2000) destaca a influência da reflexão antropológica na leitura mais recente das diversas territorialidades. O autor dá ênfase à superposição destas, que

deixam de ser exclusivas, pois nesse contexto o território *“inscreve-se no campo dos processos de identidade societária, como referente de formas de consciência do espaço e, mesmo, de autoconsciência grupal (nos grupos que se identificam pela relação com um dado espaço)”* (p. 21). Assim, um determinado espaço pode ser palco de várias territorialidades, como é o caso do espaço aqui pesquisado. Aos domingos temos a apropriação deste por gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais, simpatizantes – Domingueira Millenium - nos outros dias da semana, acontece neste espaço: casamentos, batizados, aniversários, etc.

Souza (2001) atribui a Antropologia, em especial a Antropologia Urbana, importante contribuição no entendimento do território destacando as pesquisas sobre *“... ‘tribos urbanas’ e grupos sociais diversos (minorias étnicas, prostitutas, homossexuais, etc.)”*. Apesar das críticas as pesquisas antropológicas, este autor assinala a importância das pesquisas geográficas - territórios da prostituição no Rio de Janeiro (MATTOS & RIBEIRO, 2002) e a territorialidade pentecostal (MACHADO, 1997) - com forte influência antropológica como “ventos de renovação” para geografia.

Ao evidenciar as territorialidades urbanas, Souza (2001) apresenta as *“territorialidades flexíveis”* exemplificando a metrópole carioca com seus: territórios da prostituição feminina ou masculina (prostitutas, travestis, michês); os do tráfico de drogas; camelôs e outras categorias que são móveis devido à iniciativa dos(as) protagonistas ou de cerceamentos do Estado.

A noção de territorialidade torna-se de fundamental importância para o entendimento do território. Assim, Souza (2001, p. 99) distingue territorialidade de territorialidades, para o autor:

A territorialidade, no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de um território um território, isto é, de acordo com o que disse há pouco, *relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial*. As territorialidades, no plural, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades e dinâmica etc.: para exemplificar, territórios contínuos e territórios descontínuos singulares são representantes de duas territorialidades distintas, contínua e descontínua.

Para Bonnemaïson (2002), as relações que cerceiam a territorialidade de um grupo vão além do sistema territorial. Esta é a evidência do envolvimento como o território deste grupo, bem como a relação com o espaço exterior. Neste contexto, o interno e o externo tornam-se elementos fundamentais para a análise de territorialidade: *“a territorialidade é uma oscilação entre o fixo e o móvel, entre o território ‘que dá segurança’, símbolo de identidade, e o espaço que se abre para a liberdade, às vezes também para a alienação”* (p. 107).

Nesta perspectiva, o sentimento de segurança ou insegurança num determinado território está intimamente ligado às relações de poder. Como ressalta Souza (2001), qualquer exercício de poder reporta a uma base territorial. Deste modo, os limites entre o interno e externo são norteadores na dominação de uma territorialidade.

Cabe registrar que a territorialidade a qual estamos tratando, refere-se à humana, e esta não pode ser percebida como um instinto, mas sim uma estratégia para construção/manutenção e ou ampliação do território Souza (2001) e Sack *apud* Silva (2002).

Esta preocupação em diferenciar, territorialidade humana e animal deve-se a influência dos estudos naturalistas. Machado (1997) propõe a rejeição as analogias animais para tratar de territorialidades humanas. Para isso, a autora apresenta a contribuição de diversos geógrafos – Soja, 1971; Raffestin, 1980 e Sack, 1986 – no estudo das territorialidades.

Machado (1997) destaca o prestígio dos estudos de Sack sobre territorialidade entre os geógrafos brasileiros. Para ela, uma das contribuições mais importantes do referido autor se deve a análise das territorialidades em diferentes escalas, podendo então pesquisar desde um cômodo de uma casa até um país, pois estes são instâncias da territorialidade.

Em outras palavras, como apreendemos de Robert Sack citado por Silva (2002, p. 27);

A territorialidade pode ser afirmada de diversas formas, entre elas: direitos legais de um país sobre determinada área; força bruta; normas culturais; proibição sobre o uso de áreas; formas sutis de semelhanças à postura do corpo. Todas estas formas de afirmação de territorialidade se realizam no sentido da afirmação de determinado poder sobre determinada área, impondo limites de pertencimento e exclusão ao território.

A demarcação ou delimitação de territórios urbanos pode ser apreendido quando seus limites são visíveis, mas às vezes estes limites são simbólicos. Assim, o sentimento de pertencimento, bem como de controle ou poder é fundamental para a vivência deste território.

Para Silva (2002), assim como as territorialidades dos religiosos e das gangues as de grupos homossexuais são bem delimitados. Sendo que esta está associada às posturas comportamentais. Como expõe:

É possível notar que grupos homossexuais que mantêm um comportamento identificado como o do gênero feminino (afeminados) não são agredidos em seus espaços de convivência. Porém, quando se encontram fora desses territórios, o são (p. 32).

A demarcação das múltiplas territorialidades urbanas se estrutura a partir de diferentes grupos urbanos. Sendo assim, várias são as estratégias para imposição de um território, inclusive o uso da violência. Cabe lembrar que a territorialidade homossexual (lê-se GLBTS), não é tão homogênea como Silva (2002), afirma acima. Pois, os grupos homossexuais são segmentados e como percebemos na pesquisa existe homofobia, lesbofobia e transfobia tanto fora, quanto dentro de seus espaços de convivência.

A questão da (in)segurança é fundamental na formação de territórios GLTBS, pois a identidade de sexual e de gênero, a corporeidade, a identidade vão delinear a sua estruturação. Deste modo pretendemos discorrer sobre este subcampo da geografia que se dedica à geografia do gênero.

1.3 – A geografia do gênero e das identidades sexuais

Claval (1997), sublinha a necessidade da abordagem cultural ser reflexiva em relação a geograficidade, isto é, o papel que o espaço e o meio têm na vida dos homens, sobre o sentido que eles lhes dão e sobre a maneira pela qual eles o utilizam para melhor se compreenderem construir seu ser profundo. Deste modo, evidencia a emergência de “novos” objetos de pesquisa em Geografia que reforcem a importância da análise das “subculturas”:

A orientação cultural visa compreender como os grupos constroem o mundo, a sociedade e a natureza. Ela se interessa pela maneira como são estabelecidos os critérios que separam o grupo do qual fazemos parte daqueles que nos são estrangeiros. No mundo atual isto conduz a privilegiar, como objetos geográficos da pesquisa cultural, a raça, a etnia, a juventude, a velhice ou as categorias sexuais (homens, mulheres, homossexuais, transexuais (1997, p.108)

Nesta perspectiva, as pesquisas desenvolvidas sobre “a geografia do gênero” Claval (1999), além de trabalhar com os “lugares” da mulheres e dos homens, dedica-se ao lugar reservado aos homossexuais, pois a definição destes espaços não está relacionado unicamente pela fisiologia, mas deve-se muito à cultura, que, posteriormente, aceita ou persegue este grupo.

Para Claval (1999), as experiências que as pessoas têm do mundo alicerça-se em seus corpos e sobre a forma como elas a compreendem e utilizam. Guardando, assim, uma apreensão do mundo através do corpo e do espaço que podem ser entendidos através da constituição dos territórios.

Neste Capítulo, procuramos apresentar os principais aspectos relacionados à configuração da “nova” geografia cultural e sua importância atual no meio acadêmico, bem como os diversos desdobramentos das suas abordagens. Dedicamos, também, a análise das diferentes construções conceituais de território/territorialidade ao longo da ciência geográfica. A partir daí enfatizamos o interesse a cerca desta noção, em especial, dos territórios e territorialidades urbanos(as) contemporâneos(as), e sua estruturação espacial nas metrópoles delineando, então, a formação de territórios e territorialidades homossexuais ou GLTBS. No próximo capítulo, evidenciaremos a relevância do corpo, da corporeidade, do gênero, orientação sexual na formação dos territórios identitários de Gays, Lésbicas, Transgêneros, Bissexuais e Simpatizantes.

II – Capítulo –Corpo, sexualidade e gênero na formação de identidades territoriais GLTBS

Diz-se que corpos carregam marcas. Poderíamos, então, perguntar: onde elas se inscrevem? Na pele, nos pelos, nas formas, nos traços, nos gestos? O que elas dizem dos corpos? Que significam? São tangíveis, palpáveis, físicas? Exibem-se facilmente, à espera de serem reconhecidas? Ou se insinuam, sugerindo, qualificando, nomeado? Há corpos não-marcados? Elas, as marcas, existem, de fato? Ou são uma invenção do olhar do outro? (LOURO, 2004. p.75)

2.1 –Entre o ser e o espaço: a construção diferenciada dos corpos a partir do gênero

Apesar de ser apresentado apenas como tendência da nova geografia cultural, a geografia do gênero e suas clivagens, de certa forma faz-nos percorrer sobre a atual compreensão do corpo, e consequentemente a sua espacialização, territorialização. Como argumenta Claval (1999), temos que distinguir a geografia das crianças e as dos adultos, pois as referências espaciais são distintas. Este autor também dá importância aos sentidos na apreensão que o ser humano tem do mundo. E acrescenta que as análises geográficas deram ênfase ao olhar, isso diante da necessidade de geografizar seu espaço de vivência.

Nesta perspectiva, o corpo e sua expressão no espaço geográfico são fundamentais para entendermos a formação não só de territórios de GLTBS, mas outros que visivelmente trazem marcas do grupo identitário: *Hip Hop*, *Punk*, *Skinhead*, etc. Cabe ressaltar que nos territórios GLTBS existe diferentes formas de apreensão do corpo. Não existe uma estética única associado ao feminino (para o Gay) e o masculino para (lésbica). Mais adiante falaremos sobre a heterogeneidade interna dos segmentos GLTBS.

Assim para entendermos as discussões acerca do corpo e da corporeidade temos que enveredar pelas importantes contribuições dos estudos *queer* e suas teorizações, realizados por profissionais de diferentes campos do conhecimento. As contribuições destas pesquisas são importantíssimas especialmente para o estudo do gênero.

Antes de falarmos das contribuições *queer* nos estudos de gênero e identidades temos que evidenciar sua estruturação. Estes ganharam amplitude no meio acadêmico a partir da década de 1990, sendo tributários de pesquisas realizadas por autores(as) vinculadas, especialmente, com o movimento feminista.

Para Garcia (2004), o termo *queer* é utilizado nos países da Europa e da América Anglo-saxônica para demarcar algumas estratégias socioculturais das comunidades gay-lésbicas, sendo também compreendido como uma tradução simplista poderia definir *queer* como sinônimo de estranho, esquisito e/ou diferente. Para além desta definição vaga, o princípio conceitual de *queer* deve ser fundamentado e estudado enquanto “política do desejo”. Assim, o autor apresenta as propriedades do conceito *queer*, que se caracteriza pela:

multiplicidade de variantes de gêneros, subjetividades, movimentos e comunidades que a diversidade sexual abarca em diferentes polaridades, revisadas e distribuídas por categorias gays, lésbicas, bissexuais e/ou transgêneros (GARCIA, 2004, p. 40).

Nesta perspectiva, a construção de uma teoria *queer* possibilita analisar as identidades sexuais e de gênero pelo seu caráter ambíguo, múltiplo e fluido. E, a partir de então temos a expansão desta teoria para os estudos culturais, do conhecimento, do poder e da Educação, como afirma Silva *apud* Louro (2004, p. 47-48):

A teoria *queer* quer nos fazer pensar queer (homossexual, mas também “diferente”) e não *straight* (heterossexual mas também “quadrado”): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar [...]. O queer se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende de modo geral para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa.

Como foi exposto acima, boa parte dos(as) teóricos(as) *queer* se inspiraram nos estudos feministas que surgiram no bojo de diversos movimentos sociais urbanos (SKIDMORE, 1988; MACRAE, 1990) a partir da década de 1970, inseridos num contexto de redemocratização e distensão política (SKIDMORE, *op. cit.*). Deste modo,

podemos perceber a contribuição, no primeiro momento, dos estudos feministas nas décadas de 1970 e 1980 e, no segundo momento, dos estudos *queer*. Isto posto, cabe ressaltar que muitos (as) teóricos (as) *queer* são feministas.

Podemos dizer que o fortalecimento movimento feminista através de sua liderança norteou a (re)visão dos discursos e das práticas relacionadas a sexualidade e identidade dos sujeitos. No Brasil desde o período de estruturação, por volta da década de 1970, percebemos a relação entre o questionamento acerca das práticas e discursos sobre a sexualidade e o movimento pela redemocratização, tendo como consequência, uma perceptível mudança de estratégia e de prática por parte dos grupos organizados urbanos.

Para Monteiro (2004), é neste processo de renovação de práticas e discursos que aliam-se ao movimento feminista o homossexual e o negro (onde estavam melhor organizados). Este fenômeno ocorre a partir do surgimento destes novos sujeitos “sociopolíticos” como afirma Almeida Neto (1999, p. 30):

(...) pode-se observar que, nesta segunda metade do século XX, a emergência paulatina e contundente de novos sujeitos sociopolíticos (negros, mulheres, homossexuais, minorias étnicas, deficientes físicos, idosos, ambientalistas, dentre muitos outros), portadores de demandas emancipatórias e projetos identitários particularistas, tem feito com que as reflexões acerca da (im)possibilidade de convivência igualitária em contextos societários democráticos ganhe um estatuto reflexivo privilegiado.

A partir deste panorama podemos evidenciar as discussões a cerca de sexualidade, corpo, sexo e gênero. Posteriormente analisaremos a respeito destes novos sujeitos sóciopolíticos, em especial os homossexuais, bem como suas “demandas emancipatórias”.

Para Bento (2003), os estabelecimentos dos discursos hegemônicos entre corpo e gênero se alicerçaram na diferenciação existentes nos dois corpos diferentes (macho x fêmea), que se posicionam totalmente opostos. Deste modo, as elucidações para os comportamentos dos gêneros (masculino x feminino) situam-se nesses dois corpos.

Nesta mesma linha de pensamento, Citeli (2005) argumenta que durante um século se (re)construiu hierarquias de poder baseadas em diferenças “naturais” de sexo. Desnaturalizar e destruir estas hierarquias tem sido um dos principais objetivos das pesquisas de gênero. Como acrescenta:

Estabelecer a distinção entre os componentes — natural/biológico em relação a sexo e social/cultural em relação a gênero — foi, e continua sendo, um recurso utilizado pelos estudos de gênero para destacar essencialismos de toda ordem que há séculos sustentam argumentos biologizantes para desqualificar as mulheres, corporal, intelectual e moralmente (CITELI, 2005, p. 03).

Isto posto, cabe lembrar que este discurso não desqualifica somente as mulheres, mas como brilhantemente expõe Wittig (2005) em *O pensamento hetero* além de oprimirem as mulheres heterossexuais este discurso oprime também as lésbicas, e homens homossexuais. Isto se dá em decorrência da sociedade se estruturar a partir da heterossexualidade e sua consequente heteronormatividade que atribui diferente hierarquia entre homens e mulheres.

Para Butler (1999), Citeli (2005) e Louro (2004), muitas pesquisas relacionaram o binômio sexo/gênero, percebendo o primeiro a partir da anatomia e da fisiologia (natureza), enquanto o segundo elucidaria as forças políticas, sociais e institucionais que estruturam os comportamentos e as constelações simbólicas sobre o feminino e o masculino. Nesta perspectiva, estes estudos abordavam os significados psicológicos e culturais das diferenças, não se interessando pelo domínio do sexo físico.

As novas abordagens desconfiam paulatinamente destas oposições binárias como natureza/cultura e sexo/gênero. Rompendo este paradigma estes novos estudos vão desestruturando este modelo natural-biológico do par sexo/gênero.

Para Citeli (2005), as primeiras teorizações a respeito do sexo, como afirmamos acima, estariam associadas à anatomia e fisiologia dos corpos. Assim, mapeavam as diferenças entre mulheres e homens a partir do domínio cognitivo e comportamental; das desigualdades sociais; e biológicas, localizadas no cérebro, nos genes ou provocadas por hormônios etc.. Deste modo, muitos estudos feministas

questionam, as atuais e antigas afirmações biologizantes sobre os corpos femininos e masculinos, pois “... *não podem ser tomadas como espelho da natureza porque as ciências, como qualquer outro empreendimento humano, estão impregnadas pelos valores de seu tempo*” Citeli, 2005, p. 03).

Neste contexto, Costa (2003) evidencia as importantes críticas ao paradigma binário do sexo/gênero. Para ela é necessário destacar as contribuições das feministas não-brancas e lésbicas nos estudos de gênero, estas põem em xeque o racismo e o heterossexismo que estão inseridos na construção conceitual de gênero. E cita um exemplo interessante dado pela escritora lésbica negra, Audre Lorde evidenciando o caráter multicultural do gênero através da noção de uma “casa da diferença”:

Sermos mulheres não era suficiente. Nós éramos diferentes. Sermos meninas *gay* não era suficiente. Nós éramos diferentes. Sermos negras não era suficiente. Nós éramos diferentes. Sermos mulheres negras não era suficiente. Nós éramos diferentes. Sermos mulheres lésbicas negras não era suficiente. Nós éramos diferentes [...]. Demorou um tempo para percebermos que nosso lugar era a própria casa da diferença e não a segurança de uma diferença particular (LORDE APUD COSTA, 2003, p. 171).

Ao problematizar estes estudos que enfatizam a relação determinista e dicotômica entre corpo e gênero percebemos a construção de outras configurações de identidades fora do modelo binário de corpos. Para Bento (2003), o que está fora do modelo; os/as travestis, as *drag queens*, os *gays*, as lésbicas, os *drag kings*, os/as transexuais; além de se tornar objetos de pesquisas passaram a ser alvos de intervenção e medicalização de suas condutas. Sendo estes caracterizados através de identidades pervertidas, transtornadas e psicóticas. A autora também atribui a fundamental contribuição dos estudos e política do movimento feminista na desnaturalização das identidades. Deste modo, assim como Wittig (2005) ela atribui uma única forma de olhar a relação corpo e identidade de gênero/as sexualidades/as subjetividades através da heteronormatividade.

Para Louro (2004), o desafio de romper com as fronteiras do arranjo tradicional de gênero e sexo põe em evidência as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual. Para a autora, diante das atuais

transformações da sociedade, podemos perceber diferentes estratégias dos sujeitos que estão fora desta estrutura binária, uns lutam por direitos iguais buscando a inclusão, já outros vivem as ambiguidades da fronteira. Deste modo, o novo impulso dos movimentos sexuais e de gênero modifica e alimenta as teorias.

Um exemplo interessante para entendermos a subversão das fronteiras constantemente vigiadas dos gêneros e sexualidades é apresentado por Louro (2004). Uma *drag queen* ao se estruturar como uma “imitação” do feminino, com um toque de humor e transgressão se evidencia como uma personagem fora da norma causando, ao mesmo tempo, desconforto, curiosidade e fascínio. Para a autora, a *drag* desmistifica a construção dos gêneros, como elucida:

Perambulando por um território inabitável, confundindo e tumultuando, sua figura passa a indicar que a fronteira está muito perto e que pode ser visitada a qualquer momento. Ela assume transitoriedade, ela se satisfaz com as justaposições inesperadas e com misturas. A *drag* é mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos (LOURO, 2004, p. 20-21).

Nesta perspectiva, temos a importante contribuição de Butler (2001) na definição de gênero, que o concebe não somente como um construto cultural simplesmente imposto sobre a matéria – o corpo. Mas, como afirma a autora a construção conceitual do gênero não pode ser entendido como uma totalidade, mas como muito como um processo complexo e inacabado:

(...) isto é, uma coalisão aberta que afirmará identidades alternadamente instituídas ou deixadas de lado de acordo com os propósitos do momento; será um conjunto aberto que permite múltiplas convergências e divergências sem obedecer a uma finalidade normativa de definições fechadas. (BUTLER *apud* JAYME, 2002)

Costa (2003) expõe a importante contribuição das feministas - Butler, Scott, Flax e Riley – nos estudos de gênero que associam os discursos entre diferença relacionados com sujeitos “ex/cêntricos”, localizados a margem do capitalismo e da hegemonia patriarcal, racial e sexual. E, de forma sucinta, define gênero como:

Um conhecimento/discurso que estabelece significados para as diferenças sexuais, ou sejam o gênero é o conhecimento que constitui o sexo e a diferença sexual (masculino e feminino), a qual irá representar. Não há gênero por trás do discurso do gênero; ele é uma ficção reguladora que cria uma falsa unidade (identidade) a partir dos elementos heterogêneos (COSTA, 2003, p. 172).

A decisão ou a definição do gênero pode ser iniciada ainda na gestação, através da simples pergunta, é menino ou é menina? A partir daí desencadeia todo o processo de “fazer” desse um corpo feminino ou masculino, seguindo a “consagrada” sequência sexo-gênero-sexualidade. Assim, para se qualificar enquanto sujeito legítimo, como um “corpo que se importa” e não um *abjeto*¹, o sujeito terá que obedecer às normas da sua cultura. (BUTLER *apud* LOURO, 2004). Mas, para as autoras, a sequência exposta acima pode ser desobedecida ou subvertida:

Como não está resolvida de uma vez por todas, como não pode ser decidida e determinada num só golpe, a ordem precisa ser reiterada constantemente, com sutileza e com energia, de modo explícito ou dissimulado. Mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, *haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos* (grifo nosso). (LOURO, 2004, p. 16).

Paradoxalmente, uma matriz ou imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações demarcando os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo fornece possibilidades para as transgressões (BUTLER, 1999). Segundo estes padrões (pré)estabelecidos que os corpos conformam às normas de gênero e sexuais, e, também, podem subvertê-la. Deste modo, em alguns casos, ao invés de serem seguidas, as regras são deslocadas ou desestabilizadas (LOURO, 2004).

Aos que (re)inventam alternativas à este “sistema de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada²” não é possível ignorá-los. Pois, como sublinha Louro (2004):

¹ “(...)o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante'. (BUTLER, 2004)

² (Salih *apud* Louro, 2004, p. 17)

Não há como esquecê-los. Suas escolhas, suas formas e seus destinos passam a marcar a fronteira e o limite, indicam o espaço que não deve ser atravessado. Mais do que isso, ao ousarem se construir como sujeitos de gênero e de sexualidade precisamente nestes espaços, na resistência e na subversão das “normas regulatórias”, eles e elas parecem expor com mais clareza e evidência, como essas normas são feitas e mantidas. (Grifo nosso. LOURO, 2004. p. 18)

A construção destes corpos *queers* carrega fortemente o caráter espacial/territorial, como afirma acima Louro (2004). Aos que transgridem as regras o seu percurso (espacial) é imprevisível, deste modo, não é de se estranhar o impacto que uma *drag queen* ou uma travesti causam ao percorrer outros locais além dos habituais ainda mais se for durante o dia. Aos que arriscam subverter as normas “*a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões.*” (LOURO, 2004, p. 16)

É necessário destacar o papel da matriz heterossexual ao tentar definir a partir das “políticas” identitárias, o gênero e a sexualidade na (re)construção dos corpos, seguindo o esquema sexo-gênero-sexualidade. Assim, podemos pensar a contribuição dos estudos de gênero e de homossexualidade nos diversos campos do conhecimento.

2.2 – (Des)encontros: as relações entre os estudos de gênero e gays e lésbicos

Para Góis (2001), é bem mais fácil falar dos desencontros entre os estudos de gênero e da homossexualidade. E aponta como principal hipótese para isso a proximidade entre a construção conceitual de gênero, em especial os das feministas, e o questionamento da elaboração teórica acerca da homossexualidade. Mais à frente o autor destaca outras hipóteses para entendermos este distanciamento.

Para o autor, apesar do aparente crescimento das discussões de gênero e homossexualidade nas academias através da formação de grupos de estudos, o número de pesquisadores ainda é pequeno. Somado a esta inexpressividade, estes estudos não tem um aporte institucional, despertando pouco interesse científico situando a margem dos outros campos de pesquisa. Outro fator importante deve-se ao binarismo imposto pela teoria dos gêneros bem como a emergência da teoria *queer* que se tornou mais conveniente para os estudos gays e lésbicos.

Ao retomar os estudos de gênero, Góis (2001) elucida a presença implícita e explícita do heterossexismo não só nestes estudos, mas também nas ciências sociais e humanas. Desta forma, a vivência gay e lésbica não despertava grande interesse dos estudos de gêneros, pois eram evidenciados apenas como exemplos, notas explicativas, assunto de pouca relevância. O autor destaca como último elemento para esta ausência de diálogo, o confronto entre os(as) teóricos(as) do movimento gay e os(as) do movimento feminista. Estes embates se evidenciaram para além das questões teóricas, sendo que em alguns casos foram vivenciadas agressões físicas e expulsão, tanto de gays e lésbicas do movimento feminista, quanto de lésbicas e mulheres heterossexuais do movimento gay.

Apesar dos conflitos expostos acima, atualmente podemos perceber uma sinalização para o rompimento destes ressentimentos gerados anteriormente. Podemos dizer que para dar um caráter político são construídas relações “amigáveis” entre os GLTB. Jeffreys (2005) percebe um possível diálogo entre estes movimentos, destacando a posição de Butler que pertence a grupo de novas teorias lésbicas e gays que tem optado por abandonar uma política lésbica independente.

Para Monteiro (2004), a categoria gênero ao ser pensado associada à homossexualidade se constitui através da transgressão e de recriação da dicotomia homem/mulher, tornando-se fonte um importante diálogo. Este autor também destaca a importante reflexão sobre estes temas, especial das autoras, Lauretis e Butler.

Antes de evidenciarmos as atuais contribuições acerca das sexualidades (homo, bi e heterossexuais) temos que percorrer a construção destas noções a partir do século XIX. Se antes tínhamos os sodomitas e pederastas que pecavam e infringiam os dogmas religiosos, temos então a partir deste período os homossexuais, também conhecidos como “anormais”, “desviantes” e “pervertidos” sexuais que tornam-se alvo de intervenções médicas e jurídicas. Temos como consequência da “invenção” da homossexualidade como categoria analítica o seu caráter regulador transformando-se numa forma controle de social.

A partir da “construção” do termo homossexual, em 1969 pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert (COSTA, 1992). As relações amorosas homossexuais passam a ser categorizada, e “classificada” como desvio de norma, a partir do discurso científico. Louro (2004) entende que a ciência, a justiça, as igrejas, os grupos conservadores e os grupos emergentes irão atribuir aos homossexuais e as suas práticas sexuais seu caráter desviante, anormal ou inferior.

Nesta perspectiva, Spencer (1996, p. 11-12) evidencia a primeira utilização do termo homossexualidade:

A palavra *homossexualidade* apareceu pela primeira vez em inglês na década de 1890, usada por Charles Gilbert Chaddock, tradutor de *Psychopathia Sexualis*, de R. Von Krafft-Ebing. O termo aparecera originalmente em alemão, em 1869, num panfleto anônimo. Havelock Ellis comentou que era um neologismo bárbaro, que misturava origens gregas e latinas. Embora J. A. Symonds tivesse empregado a palavra numa carta em 1892, essa era apenas uma das muitas palavras que estavam sendo criadas e usadas naquela época para descrever o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo.

Assim, os estudos de Foucault sobre a sexualidade são fundamentais para entendermos os múltiplos discursos pronunciados: pela igreja, psiquiatria, pela sexologia, pelo direito e outras agências reguladoras. E lança uma questão fundamental, apesar do aparente silêncio da sociedade a respeito da sexualidade, esta *“fala prolixamente do seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar”* (FOUCAULT, 1993, p. 14). A partir destes discursos e dos seus efeitos podemos perceber a criação e ampliação das classificações dos “tipos” de sexualidade bem como as formas para controlá-las. Esses discursos são produtores de efeitos de poder, reforçam e integram as práticas de dominação e submissão, e no seu movimento também alteram e subvertem essa dominação.

Isto posto, percebemos que se tem elaborado várias elucidações sobre a homossexualidade que remontam os períodos anteriores a criação desta noção. Assim, podemos observar em importantes estudos como a relação afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo eram vivenciadas e percebidas dentro de algumas civilizações antigas (Grécia e Roma, por exemplo). Nestas civilizações estas relações ocorriam, principalmente entre homens adultos e jovens e só eram repudiadas quando ameaçavam subverter a hierarquia social da época (COSTA, 1992).

A repressão empreendida ao longo do tempo pela Igreja Católica, principalmente durante a Inquisição, não conseguiu acabar com algumas práticas sexuais tidas como anormais ou antinaturais. Esta instituição com raízes na tradição judaico-cristã (SPENCER, 1996) concebiam tais práticas como pecaminosas, representando o descumprimento do que se julgava ser a palavra de Deus e a fraqueza do indivíduo diante das tentações demoníacas. No entanto, até nos dias

atuais estes valores morais/religiosos estão impregnados na nossa sociedade como afirma Almeida Neto (1999, p. 30):

Assim, embora distante da realidade inquisitorial, o dia-a-dia dos homens e mulheres homossexuais, no Brasil e na maior parte do mundo, encontra-se marcado pelo tripé privação-opressão-discriminação, o qual se traduz em uma realidade de relativa exclusão social.

Aos resquícios homofóbicos das diferentes instituições religiosas somamos o que foi evidenciado acima como o olhar “autorizado” dos médicos, higienistas, psiquiatras, entre outros profissionais sobre a homossexualidade. Foi somente a partir do século XIX que a medicina definiu a homossexualidade como uma doença fisiológica causada por distúrbios genéticos ou biológicos. No início do século XX, apesar das atitudes vitorianas prevalecentes na época, a psicanálise introduziu a visão psicológica da homossexualidade. Mas deve-se ter em conta que estas novas concepções não substituem as antigas, mas, em algumas circunstâncias, reforçam as concepções tradicionais mais moralistas. Quanto ao papel da medicina sobre a homossexualidade, Almeida Neto (1999, p.29) acrescenta que:

Desde a última terça parte do século XIX, quando da construção do “homossexual” como categoria médico-psicológica, até os dias de hoje, quando esta mesma categoria já assumiu uma dimensão claramente política, muito já se falou, afirmou, reavaliou, proibiu, puniu e desistiu em relação à homossexualidade.

O atual processo de desmedicalização(despatologização) e descriminalização da homossexualidade têm-se espacializado em escala mundial. Mesmo quando em parte expressiva do mundo ocidental os homossexuais não mais são vistos, necessariamente, como criminosos ou doentes - embora não tenham perdido a condição de pecadores -, parece que seu estatuto de seres humanos ainda não se encontra plenamente assegurado, talvez porque ainda seja recorrente a ideia de que os homossexuais subvertem as leis de Deus, da natureza e dos homens, no próprio cerne do que torna humano um ser humano: a capacidade de amar e ser amado (SULLIVAN *apud* ALMEIDA NETO, 1999).

2.3 - O surgimento do movimento homossexual brasileiro e suas contribuições

Neste contexto, podemos associar o processo exposto acima à mobilização destes segmentos sociais que ao se politizar tornam-se instrumentos de transformação da sociedade. Temos, então a partir da década de 1970, ainda que pouco expressivo a organização do movimento homossexual. Louro (2004, p. 30) destaca o caráter quase clandestino das reuniões e associações. E acrescenta:

Aos poucos, especialmente em países como os Estados Unidos e Inglaterra, um aparato cultural começa a surgir: revistas, artigos isolados em jornais, panfletos, teatro, arte. No Brasil, por essa época, a homossexualidade também começa a aparecer nas artes, na publicidade e no teatro.

No Brasil, Trevisan (2000) caracteriza o início dos anos de 1970, como o “desbunde guei” e apresenta três núcleos que impulsionaram a eclosão de práticas e discursos associados à homossexualidade: associados à música o cantor e compositor Caetano Veloso e Ney Mato Grosso (Grupo Secos e Molhados) e no teatro o grupo *Dzi Croquetes*. A partir daí as contribuições são ampliadas para outras áreas como Trevisan (2000, p. 294) ressalta:

A partir de meados de 1970, o amor homossexual começou a furar a barreira da censura ditatorial e dos setores mais reacionários, para chegar até as capas de revistas de circulação nacional – caso da *IstoÉ*, que dois anos antes da *Time* apresentou em sua capa duas mãos masculinas ternamente enlaçadas, ilustrando a matéria sobre o tema. Os anúncios comerciais não ficaram atrás. Uma campanha dos perfumes *Rastro* (...) Bem significativa foi a situação criada, na época, em torno de um anúncio para televisão, na qual a excelência de certo creme de leite consistia no fato de ser *realmente* fresco. (...) em termos de *marketing*: no Brasil era possível consumir *graças* à homossexualidade. Foi um importante reforço do *boom* guei.

Mais adiante Trevisan (2000) questiona a inserção de personagens homossexuais em rádio, televisões, teatro e no cinema brasileiro. Para ele a sociedade brasileira ao se modernizar acaba importando com uma década de atraso o liberacionismo homossexual europeu e estadunidense. E, ao para se impor utiliza

do consumo para penetrar no conservadorismo da elite cultural brasileira. Assim, não tem nenhuma mudança significativa a cerca da inserção destes personagens homossexuais na sociedade, pois *“essa elite modernizada, que se sente orgulhosa de já poder aceitar viados e sapatonas ao seu redor, não exageremos: ‘tudo bem, desde que não na minha família!’... modernizar sim; mas calma lá!”* (TREVISAN, 2000, p. 336)

Neste panorama artístico, político e social emerge, a partir do ano de 1975, o Movimento de Libertação Homossexual no Brasil que tinha como precursores: *“intelectuais exilados/as durante ditadura militar e que traziam, de sua experiência no exterior, inquietações políticas feministas, sexuais, ecológicas e raciais que então circulavam internacionalmente.”* (LOURO, 2004, p. 31).

A partir daí podemos perceber o surgimento do movimento homossexual brasileiro. Neste período como nos dias atuais, o debate e a luta são travados principalmente nos grandes centros urbanos. Deste modo, estes grupos procuram desmistificar a condição uniforme e universal da homossexualidade, compreendendo-a através das diferentes clivagens de classe social, etnicidade, raça, nacionalidade, entre outras (LOURO, 2004).

O ativismo e/ou militância passa a ser um importante instrumento de contestação política. Para Trevisan (2000, p. 340, grifo nosso): *“Mesmo às tontas, o então incipiente grupo buscava contestar a própria questão do poder, ciente da nossa sexualidade (nossa terra de ninguém) estava sofrendo um controle social inerente a qualquer forma de poder disputado e conquistado”*. Para Louro (2004), o principal objetivo do movimento homossexual é a desestruturar a sociedade heterossexista. Para a autora a pauta de luta se pluraliza: uns querem a integração destes segmentos à sociedade; outros (em especial as feministas lésbicas) a solução era a separação, possibilitada pela construção de culturas próprias a partir de uma comunidade.

Neste contexto, o fortalecimento do movimento homossexual brasileiro se dá através de novos mecanismos de engajamento. Um exemplo interessante é a criação do Jornal mensal *O Lampião*, em abril de 1978. Para Trevisan, a proposta deste jornal assustou a sociedade brasileira como afirma (TREVISAN, 2000, p. 339):

(...) *Lampião*, bem ou mal, significa uma ruptura: onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que os temas tratados eram aqueles considerados “secundários” – tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo – e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual. Além de publicar roteiros de locais de pegação guei nas grandes cidades do país, nele começaram a ser empregadas palavras proibidas ao vocabulário bem-pensante (como *viado* e *bicha*), de modo que seu discurso gozava de uma saudável independência e de uma difícil eqüidistância inclusive frente aos diversos grupos de esquerda institucionalizada.

Somado ao Jornal *O Lampião* temos paulatinamente o engajamento dos grupos de gays e lésbicas na formação do que Trevisan (2000) define como “espinha dorsal” do Movimento de Libertação Homossexual no Brasil. A partir daí os grupos de gays e lésbicas como forma de legitimação e afirmação, tanto discursivamente quanto empiricamente, se estabelece através da construção da identidade homossexual. Pois até os anos 1960 e 1970, “bonecas”, “enxutos” e “almofadinhas” eram alguns dos termos usados para designar aqueles homens que mantinham relações sexuais com outros homens no Brasil, não implicando diretamente a formação de uma “identidade homossexual”, pois esses indivíduos eram associados (e se associavam) simbolicamente ao gênero oposto. A partir dos anos 1970, entram em cena os (as) “travestis”, “transformistas”, “caricatas” e “entendidos(as)”, criando uma espécie de “comunidade *gay*” nos grandes centros urbanos.

2.4 - De Identidades homossexuais às identidades GLTB – Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais

Hall (2001) aponta para o debate que vem sendo travado nas ciências sociais sobre a noção de identidade, no qual há o diagnóstico de uma “crise de identidade” que levaria ao declínio das antigas identidades, à fragmentação do indivíduo - pensado na modernidade como um sujeito unificado - e à emergência de novas identidades descentradas, fragmentadas.

A identidade se constrói numa relação entre o *self* e a sociedade e o sujeito possui um “eu real”, que é um centro e que se transforma a partir de um diálogo com o mundo exterior e com as identidades presentes nesse mundo. Mas nesta visão permanece a ideia de um sujeito unificado. Por fim, o sujeito pós-moderno seria aquele fragmentado, sem uma identidade fixa, um sujeito que assume diversas identidades - que podem ser contraditórias - em diferentes momentos. Hall (2001).

O movimento feminista ao discutir a construção das identidades e, mais importante, ao tratar da diferença sexual, não mais coloca homens e mulheres como possuindo a mesma identidade - a de homem universal. Diferentemente, mostra que o feminino e o masculino são distintos e, mais importante, as próprias mulheres não teriam uma única identidade. Não haveria uma Mulher (nem tampouco um Homem), mas mulheres, que se identificariam não apenas a partir do gênero, mas da raça, etnicidade, etc.

Nesta perspectiva temos que entender como eram construídas estas identidades nas décadas anteriores, em especial as identidades homossexuais. Estas, até recentemente, eram definidas pelas práticas e papéis sexuais. Assim, desde o final do século XIX até aproximadamente o início dos anos 70 a definição do homossexual masculino denotava uma extrema feminilidade. O modo de falar, andar e a aparência evocavam uma paródia do feminino tradicional e falava-se de “uma alma feminina no corpo de um homem”. Nos anos 70, este “estilo” feminino foi substituído por um modelo teatralmente masculino: os supermachos vestiam roupas de couro, botas pesadas e usavam cabelo curto, barba e bigode, apoiando um conceito de virilidade tradicional. (BADINTER, 1992).

Multiplicam-se os bares “sodomasoquistas”, freqüentados por homossexuais fascinados por objetos tipicamente masculinos, como correntes, botas, quepes. Nesses “bares-couro”, brinca-se de ser homem, homem de verdade. (BADINTER, 1992. p. 163)

Os fatores que contribuíram para uma maior visibilidade aos homossexuais identitários nos centros urbanos brasileiros neste período foram: o desenvolvimento das camadas médias urbanas e da “sociedade de consumo de massa”; o surgimento de novas profissões; a aceleração da urbanização e do anonimato; os efeitos da televisão, teatro e cinema; a fragmentação das referências culturais; entre outros. Mas, num primeiro momento, podemos evidenciar os homossexuais “afeminados”,

pois as imagens da travesti/transexual, assim como a das “transformistas” e “caricatas”, iriam povoar as páginas dos jornais e revistas, Trevisan (2000).

A partir daí temos a transição do modelo de “bicha” para o de “supermacho”, cabe ressaltar que estes “modelos” são imitações dos estereótipos de masculinidade e feminilidade e a adoção destes reforça os padrões heterossexuais dominantes. A difusão do modelo *gay* norte-americano – o macho *man* que lutava por direitos iguais entre homossexuais e heterossexuais –, emergiu no Brasil a imagem do “entendido”, com seus pontos de encontro, bares e restaurantes, suas boates, saunas e cinemas, etc.

A Aids (evidenciada inicialmente como “câncer gay”) surge e suas consequências culturais se difundem, a partir da segunda metade dos anos 1980, reforçando a homofobia da sociedade, ampliando atitudes discriminatórias em diferentes setores sociais. Mas, aparências e imagens de si diversificam e se heterogeneizam em razão da multiplicidade de referências culturais e de uma espécie de busca desenfreada de construção identitária.

Nos anos 1990, o modelo de homossexual “supermacho” parece ter enfraquecido em prol de um culto ao corpo, com elementos claramente andróginos, característico do subgrupo das *barbies*³. Autores como Fry & MacRae (1983), apontam para o forte preconceito que este fenômeno provocou dentro da comunidade gay: os homossexuais efeminados, feios, velhos, pobres ou negros, que não se encaixam neste padrão de beleza são estigmatizados e excluídos.

É neste contexto que aparecem sujeitos identitários que retraduzem e “tropicalizam” o movimento *queer* estadunidense, associadas aos *barbies* e *drag queens* que brincam com as aparências – *fake* –, criando novos espaços de sociabilidade e de reprodução identitária, como, no caso goianiense: as boates *D!sel*, *Jump* e Domingueira Millenium, as festas de chácaras e na Parada do Orgulho GLBT.

Teríamos, então, no Brasil urbano de hoje, um “modelo homossexual identitário” típico dos anos 1970/1980 e um “modelo” típico dos anos 90? O primeiro seria aquele da primeira visibilização e da vontade de união identitária, do “pré-Aids”, da criação do movimento homossexual brasileiro. O outro aquele da segunda

³ Homossexuais sarados, malhados.

visibilização e da fragmentação identitária, do “pós-Aids”, da reestruturação do movimento gay, talvez baseado nas particularidades locais.

Para Louro (2004), desde a década de 1970, a afirmação da identidade necessariamente implicaria no ato do indivíduo assumir publicamente sua condição homossexual:

A afirmação da identidade supunha demarcar suas fronteiras e implicava uma disputa quanto às formas de representá-la. Imagens homofóbicas e personagens estereotipados exibidos na mídia e nos filmes são contrapostos por representações “positivas” de homossexuais. Reconhecer-se nessa identidade é questão pessoal e política. O dilema entre “assumir-se” ou “permanecer enrustido” (no armário – *closet*) passa a ser considerado um divisor fundamental e um elemento indispensável para comunidade. (LOURO, 2004, p. 32)

Mais adiante Louro (2004), ressalta que as contribuições teóricas e políticas a cerca da representação “positiva” da homossexualidade que se caracterizava através dos aspectos regulatórios e disciplinador. Sendo assim, a integração e aceitação dos/das homossexuais na sociedade seria mais fácil. Pois, a partir daí a visibilidade de gays e lésbicas não incomodava como antes.

Esta política identitária construída a partir dos anos de 1970, já apresentava fissuras e críticas internas:

Para muitos (especialmente para os grupos negros, latinos e jovens), as campanhas políticas estavam marcadas pelos valores brancos e de classe média e adotavam, sem questionar, ideais convencionais, como o relacionamento monogâmico; para algumas lésbicas, o movimento repetia o privilegiamento masculino evidente na sociedade mais ampla, o que fazia com que suas reivindicações e experiências continuassem secundárias relativamente às dos homens gays; para bissexuais, sadomasoquistas e transexuais, essa política de identidade era excludente e mantinha sua condição marginalizada. (LOURO, 2004, p. 34).

A questão central levantada acima repousa na construção política e empírica da identidade homossexual universal. Mas, como já comentamos as diferenças entre os vários “sub-grupos”, não só de demandas políticas mas, também de vivências e experiências ruiu, pouco a pouco esta construção identitária única. Louro (2004).

Os conflitos dentro do Movimento Homossexual e, conseqüentemente, a sua desestruturação vão ser abalados pelo surgimento da Aids no Brasil, no início dos anos de 1980, e, por incrível que pareça, a Aids serviu como ponto de reencontro dos (ex)militantes do movimento homossexual. Como afirma Trevisan (2000, p. 430): “*Os remanescentes do Movimento Homossexual se mobilizaram, distribuindo panfletos em saunas e boates da cena guei. Mas como fazer para atingir aquele grande número de homossexuais fora do gueto, quer dizer, estatisticamente invisíveis?*”

A reestruturação do Movimento Homossexual se dá através das redes de solidariedade criadas para atender os doentes infectados com o vírus HIV. Louro (2004) apresenta como resultados “positivos” com o advento da Aids: as alianças não mais baseadas na identidade homossexual; as relações escapam as fronteiras das comunidades homossexuais; mudança no discurso da sexualidade – direcionando menos às identidades e se concentram mais nas práticas sexuais (ênfatizando o sexo seguro).

Nesta perspectiva, outro aspecto que podemos destacar é a ampliação da discussão a cerca da homossexualidade na sociedade brasileira. Isto posto, cabe ressaltar que esta maior visibilidade se deu a partir da associação Aids/“peste gay”. A homofobia torna-se um instrumento de defesa da sociedade heterossexista diante do crescimento do número de infectados. Para Trevisan (2000, p. 462):

(...) o vírus da Aids realizou em alguns anos uma proeza que nem o mais bem-intencionado movimento pelos direitos homossexuais teria conseguido, em muitas décadas: deixar evidente à sociedade que homossexual existe e não é *outro*, no sentido de um continente à parte, mais está muito próximo de qualquer cidadão comum, talvez ao meu lado e – isto é importante! – dentro de cada um de nós, pelo menos enquanto virtualidade. Graças à característica de estigma que a Aids historicamente adquiriu, já não pode mais esconder o desejo: ele está lá, sendo identificado, flagrado e denunciado por intermédio da doença.

As transformações impostas ao movimento homossexual, bem como sua política identitária (a partir da Aids), caracterizada pela crise e inconsistência possibilitou o surgimento do que Louro (2004) define como proposições e formulações teóricas pós-identitárias alicerçadas na teoria *queer*.

Ao questionar os atributos determinantes na construção das identidades do eu e social dos sujeitos. Almeida Neto (1999), direciona a resposta ao contexto social,

econômico, político e cultural, bem como das trajetórias singulares de cada indivíduo, e reporta a Vaitsman, quando esta afirma:

Embora na sociedade contemporânea as identidades sejam complexas e fragmentadas e sua análise não possa basear-se em categorias gerais como classe ou gênero [e orientação sexual, nós acrescentaríamos], por exemplo, que de fato não dão conta da multiplicidade dos determinantes das identidades sociais, elas não devem ser excluídas da análise. Constituem pontos de referência para se estabelecer vínculos entre as narrativas locais, os problemas contextuais e as transformações macro históricas. (VAITSMAN *apud* ALMEIDA NETO, 1999. p. 52).

As clivagens entre gênero e sexualidade são importantes para entendermos a construção das identidades. Pois, ao compreender o gênero de uma pessoa como algo fluído, que se modifica de acordo com o tempo e o contexto. Deste modo, a identidade das pessoas é algo tão complexo, composta de tantos elementos, que de fato a teoria *queer* propõe que desfiemos toda e qualquer noção de eu sou, em contraponto encara o ser humano como formas variadas e não presumíveis.

Nesse contexto, a sexualidade não pode ser inserida nessa perspectiva de opostos, uma vez que comportamentos como o do *gay* macho, ou da lésbica chique convivem juntamente como o do travesti, ou os estereótipos da bicha desmunhecada e da “caminhoneira”.

Essa diversidade só é possível por causa da subjetividade do ser humano, que não se encaixa em “uma disposição psíquica do gênero binário”, em palavras de Butler (1999), ou na identidade cultural e sexual como afirmação de personalidades historicamente desejadas e aceitas culturalmente. Tais pensamentos ajudaram a compor essa visão de gênero binário (homem-mulher) como ficção. Butler (1999) enxerga essa construção social e biológica como errônea, uma vez que é baseada numa espécie de racionalismo de opostos. Essa tradicional visão de gênero não comporta o “exótico”, o “diferente”. Até mesmo no movimento gay havia uma concepção de identidade homossexual unificada, que vinha se constituindo como base de identidade, como ressalta, Louro (2004). Portanto, mesmo o movimento gay tinha dificuldades de entender as androginias.

De certa forma, todos acabamos sendo, a partir do momento em que nossas identidades são subjetivas e únicas. As pessoas que possuem dificuldade de seguir

moldes, fugindo de rótulos e levando um “estilo transeunte” de vida, muitas vezes, são mal compreendidas.

Assim, desde a década de 1970, podemos perceber a mudança na construção da identidade homossexual pela lésbica/gay, que pode acontecer num contexto ativista-militante ou não, *“em ambos os casos têm-se ainda uma explícita sobrevalorização da orientação sexual dos indivíduos na construção da imagem do eu - em detrimento de outras características pessoais”*. (ALMEIDA NETO, 1999. p. 50).

Nos dias atuais, compreendendo a multiplicidade das identidades, defendemos a desmistificação da identidade homossexual única. Sendo assim, percebemos o fortalecimento dos diferentes segmentos (Gays, Lésbicas, Transgêneros, Bissexuais) alicerçados pela sexualidade, gênero, orientação sexual, que apesar de ressaltar a diferença se une na luta pelos direitos que lhe são negados pela sociedade heterossexista.

Uma preocupação atual do Movimento Homossexual é dar visibilidade aos segmentos marginalizados até então, pois podemos perceber a valorização, num primeiro momento do G - Gay- e do L – Lésbica, e de forma secundária o T – Transexual e o B – Bissexual. Isto se dá diante da politização dos dois últimos segmentos, reivindicando identidades próprias e ações políticas específicas a eles/elas.

Não podemos esquecer a necessidade de espacializar e/ou territorializar os segmentos GLTB. Temos, a partir da década de 1970, associado à identidade *gay*, indivíduos enraizados em espaços segregados, em territorializações culturais *gays*, em bairros, ruas ou praças, específicos das grandes cidades, e numa disseminação de bares e boates *gays*.

Na constituição das territorialidades GLTBS a dimensão simbólica apresenta-se através da identidade. Desta forma, a linguagem, os gestos, os vestuários criam a identificação do grupo. Faz-se necessário salientar que nos territórios da prostituição, em especial a masculina (michês e travestis), a identidade territorial é apenas relativa e/ou funcional (SOUZA, 2001). A compreensão das territorialidades e identidades pode ser percebida através da complementaridade destas noções. Para Claval, *“a territorialidade é um dos ingredientes essenciais das identidades, mas ela não tem sempre a mesma capacidade de reprodução nem a mesma forma.”* (1999 p. 90).

Para Haesbaert (1999), a identidade territorial não está associada só a dimensão simbólica pois, sua dimensão concreta constitui, de certa forma, estruturadora da identidade.

(...) identificar, no âmbito humano-social é sempre *identificar-se*, um processo *reflexivo*, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se *com*, ou seja, é sempre um processo *relacional*, dialógico, inserido numa relação social. (HAESBAERT, 1999 p. 174)

Assim, associar ao controle físico ou à dominação “objetiva” do espaço uma apropriação simbólica, mais subjetiva, implica discutir o território enquanto espaço simultaneamente dominado e apropriado, ou seja, sobre o qual se constrói não apenas um controle físico, mas também laços de identidade social (HAESBAERT, 2002).

Gomes (2002), ao afirmar a progressão das identidades territoriais nas cidades. Se atem na tradução das identidades sobre o(s) território(s) por um discurso sobre a diferença. *“O território próprio ao grupo é concebido como um terreno onde as regras que fundam a(s) identidade(s) gozam de uma absoluta e indiscutível validade.”* (GOMES, 2002. p. 180-181).

Nesta perspectiva, Campos (2000, p. 28) ressalta a relação entre territorialidade e identidade:

As territorialidades trazem implícitas um forte significado de pertinência do grupo a uma porção de espaço, que muitas vezes se expressa através de modos específicos de comportamento. Trata-se de uma construção social com um significado específico (subsistência, ideologia política, poder econômico, entre outros) para membros de cada grupo enquanto identidade particular. Ao mesmo tempo, essas relações indivíduo-território servem como forma de comunicação de limites e códigos comportamentais aos indivíduos que não compartilham dos mesmo interesses e expectativas.

Deste modo, Costa (2002) apresenta a territorialização das práticas afetivas e sexuais dos(as) gays, lésbicas, transexuais, bissexuais na cidade como elementos importantes na construção da(s) sua(s) identidade(s). Tal territorialização marca uma transformação da identidade pessoal do indivíduo, assumindo-a subjetivamente e expondo-a nesses lugares permeados pela cultura *gay*. Para ele, “a *relação entre*

espaço e identidade gay é crucial para se estabelecerem manifestações sociais homoeróticas frente à heteronormatividade” (COSTA, 2002, p. 9).

Deste modo, o autor apresenta as estratégias de construção e manutenção do território através da territorialização:

O termo territorialização é usado para sugerir a construção de territórios gays dentro da cidade, cujas partes do espaço são identificadas pelo encontro e presença de homossexuais, que constroem comportamentos, estilos e códigos de convivência divergentes à heteronormatividade, que circunda-os, segrega-os e vigia-os. O termo remete à efemeridade e flutuações no espaço e no tempo, devido a necessidade de manterem estratégias de encontros que prescrevam as regras da discrição e encobrimento da identidade homossexual e, também, devido ao trabalho de repressão exercido pelas regras heterossexuais circundantes que, de certa forma, vigiam e manipulam as oportunidades de construção dessas territorialidades, no sentido de funcionarem como pequenas e restritas "válvulas de escape" às angústias afetivas desses indivíduos. (COSTA, 2002, p. 202).

Mas, podemos perceber a tentativa de suprimir o “tradicional” gueto homossexual e/ou gay. Isto se dá pela ampliação e inserção dos segmentos segregados até então, em especial os(as) transgêneros e os(as) bissexuais, bem como a incorporação dos(as) simpatizantes ou suspeitos(as) como afirma Trevisan (2000). Para ele, a utilização da sigla GLS (Gay, Lésbica e Simpatizante) permitiu:

(...) certa flexibilização das fronteiras e, na menor das hipóteses, uma expansão do gueto. No limite, ele potencializou a ruptura do gueto homossexual, considerando que qualquer pessoa pode freqüentá-lo sem apresentar carteirinha comportamental determinada, o que tende a diluir o gueto, que pode abranger uma boate e um bar GLS, mas também uma loja e até mesmo um festival de cinema. Ou seja, o conceito GLS permitiu a democratização do território guei, atravessando barreiras e projetando homossexuais para espaços mais amplos, dentro da sociedade. (TREVISAN, 2000, p. 376-377).

Deste modo, a construção dos territórios dos(as) GLTBS pode ser caracterizado como fluido, impreciso e efêmero. As relações internas e externas são alicerçadas na(s) diferentes identidades destes segmentos. Para Costa (2002), essas territorialidades são promovidas pela intensa fragmentação cultural das metrópoles e pela intensa disseminação e diferenciação de grupos relacionais nas grandes cidades.

III Capítulo – Armários e boates, casas e ruas: a constituição de territorialidades GLTBS em Goiânia.

Você vive se escondendo
 Sempre respondendo
 Com certo temor
 Eu sei
 Que as pessoas lhe agriem
 Que até mesmo proíbem
 Sua forma de amor
 E você tem que ir para boate
 Para bater um papo
 Ou desabafar
 E quando a saudade bate
 Surge um ombro amigo
 Para você chorar
 Um dia
 Sem tal covardia
 Você poderá
 Com seu amor sair
 Agora
 Ainda não é hora
 De você amigo
 Poder assumir
 (Leci Brandão, Ombro Amigo, 1977)

3. 1 – Geografias proibidas: entre o armário, a casa, a boate e a rua

Louro (2004), ao afirmar que o dilema de sair ou não do armário repousa na insegurança de tornar público o seu “segredo”. O que fazer com o armário? O que existe além do armário? Gays, Lésbicas e Bissexuais eventualmente se deslocam de seus “armários” (*closets*) para “boates” (caixas, em francês) ou casas noturnas, onde encontramos personagens que aí se apresentam comumente (*go-go boys* e *drag queens*) e ambientes ainda mais recônditos, como a *dark room* (sala escura). O contraponto desses espaços privados é a rua, lócus habitual de michês, travestis e seus/suas clientes, mas também lugar da manifestação política, das passeatas GLBT (SOUSA & RATTS, 2004).

Deste modo, estes segmentos redefinem cotidianamente suas identidades em relação “às esferas da casa e da rua e se encontram - em diversos níveis de

engajamento - empenhados na conquista do reconhecimento de sua cidadania e de seus atributos humanos". (ALMEIDA NETO, 1999. p.20).

Para Nunan; Jablonski (2002) A rua não é como um espaço assexuado, mas sim, considerado um espaço frequentemente heterossexual por excelência. E acrescentam:

Os heterossexuais não valorizariam esta característica da rua da mesma forma em que não valorizam a liberdade que possuem para expressar suas identidades em todas as esferas sociais, sejam estas relacionadas com o trabalho, casa ou entretenimento. Visto que o espaço também pode ser contestado, a heterossexualidade da rua não é imutável e sua sexualidade está sendo constantemente desafiada e re-estabelecida. Assim, muitos heterossexuais preconceituosos buscam negar a presença legítima de homossexuais nas ruas através de mostras de desaprovação, sanções oficiais ou agressão. Neste sentido, são comuns as expressões do tipo "vamos limpar as ruas destes doentes" ou "aqui não é lugar para este tipo de gente", pois o controle sobre a forma como o espaço é produzido é fundamental para a habilidade dos heterossexuais de reproduzirem sua hegemonia. (NUNAN; JABLONSKI, 2002, p.04)

Uma complexa geografia dos(as) GLTB pode ser organizada, distribuída e reconhecida, principalmente nas grandes cidades, como Goiânia. Estes espaços possibilitam relações afetivas (tais como andar de mãos dadas, beijar, tocar, olhar amorosamente e usar expressões carinhosas) e de determinados tipos de comportamento. Assim, os espaços GLTBS provêm um sentimento de comunidade, território, ordem, controle e poder, podendo ser compreendidos como lugares de resistência cultural com um enorme significado simbólico. (NUNAN; JABLONSKI, 2002).

"Viver no armário", "sair do armário", tornaram-se expressões comuns de quem está na fronteira entre as sexualidades, gêneros e orientação sexual. O termo armário como metáfora espacial para a vivência gay, lésbica ou bissexual, aparece então como correlato das traduções de expressões inglesas *out of closet* ou *coming out*, que significam sair do armário (literalmente) e revelar (assumir) publicamente ser gay, lésbica ou bissexual. Cabe destacar aqui que os transgêneros (travestis e transexuais) ao passar pelas diversas mudanças corpóreas constroem a "saída de armário" de forma mais intensa que os GLB, sem a aura de dubiedade no trânsito das sexualidades.

Enunciar que existem pessoas que “vivem no armário” não implica em dizer que estas não vivam sua sexualidade ou que resumam esta vivência às suas casas ou mais recôndito ainda, às quatro paredes de seus quartos, como ressalta (SOUSA & RATTIS, 2004, p. 10):

(...) a metáfora do armário/closet nos sugere um programa arquitetônico de uma casa pequeno-burguesa onde existem os quartos de casal ou individuais, o que não condiz com a grande parte das habitações da população brasileira. Tais expressões representam com limites de adequação a espacialidade privada dos gays, lésbicas e bissexuais das camadas mais populares da população brasileira.

Deste modo, existem muitas formas de viver e sair do armário. Mas, reportando mais uma vez a contribuição de Louro (2004) o reconhecimento da identidade, por ser uma questão privada e política, perpassa o dilema de “assumir-se” e, portanto, “sair do armário”. Ao permanecer dentro do armário, “permanecer enrustido” estes indivíduos constroem algumas estratégias para driblar ou até mesmo escamotear sua identidade e/ou orientação sexual.

O espaço inverso ao armário, à rua torna-se então um espaço de transgressão. Neste aspecto, podemos encontrar nas contribuições de DaMatta (1997), os percursos estruturados no trânsito destas espacialidades. O autor destaca três espaços – casa, rua e outro mundo - na qual são construídas diferentes visões de mundo e/ou éticas particulares. Estes três espaços demarcam, mudança de atitudes, gestos, papéis sociais, entre outros. Assim, alguns eventos podem ser “lidos” por meio dos códigos da casa, da rua ou do outro mundo. Para ele, a casa é concebida como um santuário, um ninho é o espaço da calma do repouso e hospitalidade, já a rua é o local da individualização, da luta é o espaço da rapidez e do perigo.

Mas, apesar da casa (armário) ser o espaço onde construímos a idéia de “amor” e “carinho”. No caso dos GLTB's este espaço, às vezes se torna o espaço do conflito, do medo, da repreensão, pois a qualquer momento o armário pode ser aberto e, quando isso acontece, este referencial de “calor humano” se transforma ou, nos casos mais drásticos, muitos os perdem completamente.

Para DaMatta (2000), a oposição entre os espaços da casa e da rua tem características por se desenvolvem reciprocamente, haja vista existem espaços na

rua que são apropriados por um determinado grupo, categoria social ou pessoas, transformando a rua em sua “casa”. Assim, a rua tem seus espaços de habitação, bem como a casa tem seus espaços “arruados”, fazendo “ponte” com o exterior, o autor cita o exemplo da janela.

O maior ou menor tempo de permanência das pessoas nas ruas de grandes cidades, a exemplo de Goiânia, enquanto trabalho, lazer ou passeio, está relacionada a segmentos sociais e locais relativamente identificáveis e delimitáveis. Durante o dia vemos ambulantes, camelôs, catadores(as) de papel, mendigos(as), flanelinhas, “*hippies*” ou artesãos, moradores(as) e/ou meninos“ em situação de rua”. Durante a noite, sobretudo nas áreas centrais, trabalhadores(as) do sexo (prostitutas, travestis, michês), uns poucos ambulantes, taxistas e garis. Em contrapartida, um público diverso sai à rua para se divertir, mais o tempo de permanência na rua (propriamente dita) é pequeno, pois saem em busca de bares, boates.

Dentre os espaços citados, destacamos os territórios GLBTS que são passíveis de mapeamento, ainda que se caracterizem pela flexibilidade. Tal flexibilidade advém das reformas urbanas, das mudanças de local, em geral forçada pela vigilância pública (como ocorre com a atividade de prostituição), da abertura e fechamento de pontos de diversão (alguns de duração bastante efêmera), a exemplo de bares e casas noturnas do chamado segmento GLS (ainda que haja uma minoria de heterossexuais e/ou predomínio de público masculino ou feminino em cada local).

Esses locais são articulados em conexão com outros pontos e áreas. Bares e boates GLS podem estar próximos a saunas, motéis, hotéis e parques públicos, como espaços complementares do encontro, da pegação e do sexo. Aos transeuntes “comuns”, essa “rede” não é identificável por que exige domínio de códigos, observação e contato.

Em 2002, a AGLT (Associação Goiana de Gays, Lésbicas e Transgêneros) produziu e distribuiu um guia intitulado: “Goiânia, uma cidade gay no coração do Brasil”, neste além de divulgar as atividades desta associação apresenta um mapa (Mapa 2) com os principais locais voltados para os diversos segmentos.

Mapa 2 – Goiânia, uma cidade gay no coração do Brasil



Fonte: AGLT, 2002.

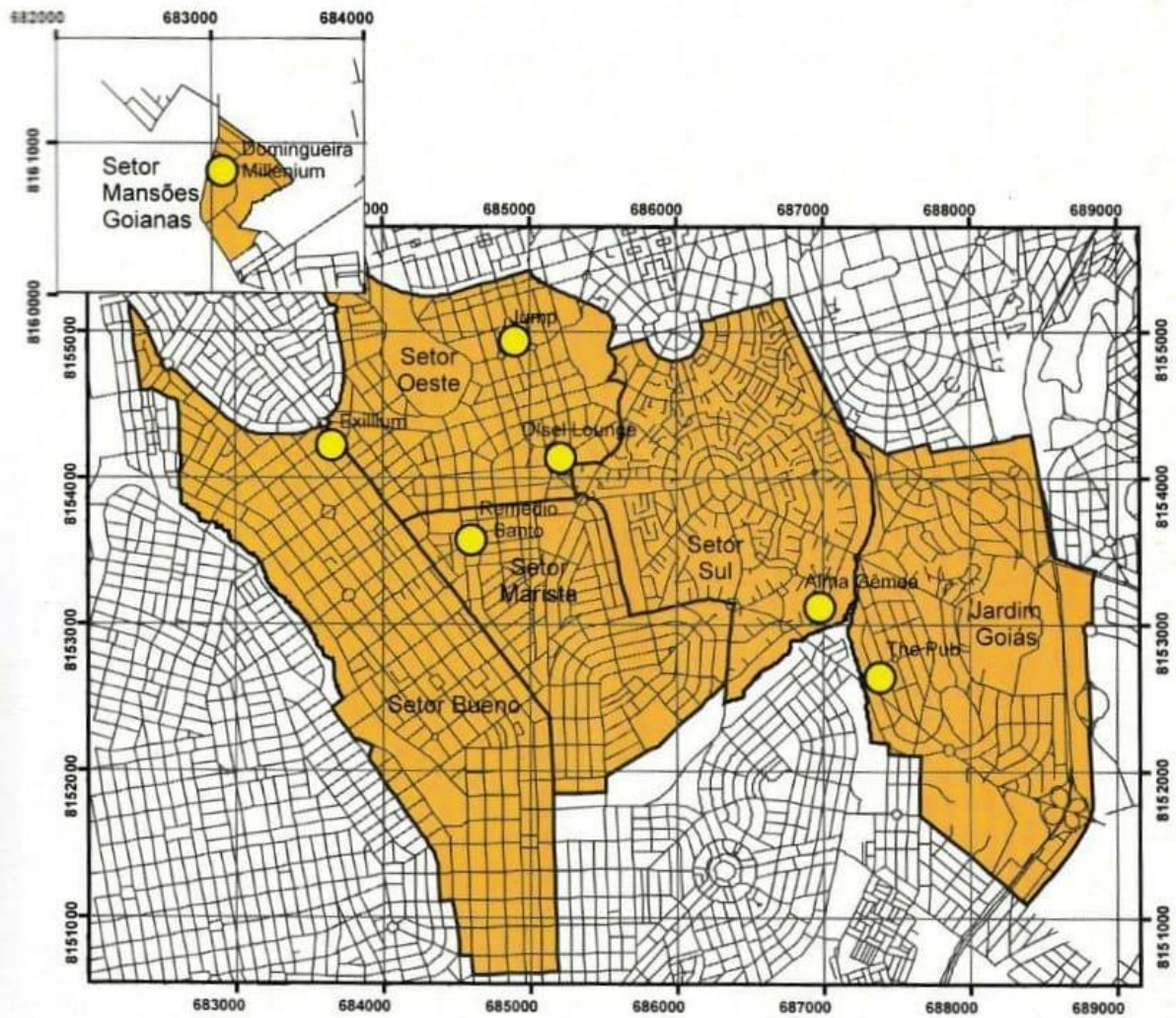
3.2 – Repertório dos territórios GLBTS em Goiânia

Segundo Chaveiro (2002), desde a transferência da capital da cidade de Goiás para Goiânia em 1933 com o objetivo de criar uma maior relação econômica com o país, a capital passou por intensas transformações. Desta forma, a organização e estruturação de Goiânia em sete décadas de vida possibilitaram ser classificada atualmente como metrópole regional. Percebemos, então nesta metrópole, a configuração dos espaços de encontros dos GLBTS em diferentes partes: a área central da cidade com uma maior quantidade e diversidade de espaços públicos e privados constituídos aos homossexuais; o Setor Campinas com menor quantidade e diversidade em relação à área central; a Zona Oeste/Sul com os bares e boates de classe média e a norte com o único espaço de encontro, a Domingueira Millenium.

Antes de apresentar os territórios GLTBS de Goiânia (Mapa 3), Cabe abordar mais uma vez uma das características destes espaços - a transitoriedade -, pois estes espaços podem se constituir se manter em evidência e, em pouco tempo, desaparecer. Neste dois anos e meio de pesquisa, acompanhamos o fechamento de boates e bares: Cazulu's, Oficina Open Bar, Du & Dudu, Leopardo's, Armazém e do Don Sebastian Bar, Joãozinho Mercês, Quintal, Exilium, entre outros (Mapa 1).

Na área central, os encontros acontecem nos espaços de “pegação” (paquera e contato físico), como por exemplo: Parque Botafogo e Bosque dos Buritis. Estes encontros acontecem também em alguns bares (Bar Araguaia e Cantoria na Av. Araguaia, Bar Ceará na rua 8 com a 2, entre outros); cines pornô (Cine Fênix na Av. Goiás, Apolo na Av. Anhanguera e Cine Santa Maria na Rua 24); em saunas (Músculo y poder na Avenida Araguaia, *Très Chic* na Rua 21 e Botafogo na Alameda Botafogo); banheiros públicos e privados e nos hotéis (motéis). As fronteiras ou “zonas” da prostituição são definidas em grande parte pelos(as) profissionais do sexo (prostitutas, michês e travestis). Na área central, podemos localizá-las nas Av. Paranaíba e da Av. Goiás até a Av. Araguaia, os “pontos” de prostituição das travestis e na Av. Goiás e rua 2, os “pontos” dos michês.

MAPA 03 - TERRITÓRIOS GLTBS DE GOIÂNIA - 2005



LEGENDA

- Bares e boates GLTBS
- Bairros com locais GLTBS
- Outros bairros
- Ruas

0 500 1.000 1.500
Metros

Projeção UTM - SAD-69
Origem da kilometragem: equador e meridiano 51° Oeste

2

Fonte do mapa base:
Sistema de Informações Geográficas de
Goiânia (SIGGO)

Fonte dos dados:
Pesquisa de campo

Autor:
Alemar M. de Sousa

Elaboração cartográfica:
Ivanilton José de Oliveira

Ainda no Centro situam-se as sedes dos movimentos de defesa dos direitos homossexuais: Associação Ipê-Rosa na Rua 8; AGLBT-GO/Associação de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis na Av. Anhanguera e Oxumaré na Av. 82. Estes locais servem igualmente como referência destas territorialidades. As sedes dos movimentos diferenciam-se dos outros espaços, pois nestes territórios não há superposição, sendo de controle exclusivo do segmento em pauta.

Apesar de apresentar uma menor quantidade de espaços de encontro voltado aos GLBTS, percebemos, em Campinas, a configuração de territórios: da prostituição de travestis nos arredores da praça terminal “A” e na Av. 24 de outubro, da sauna do Tarzan na Av. 24 de outubro e da ONG ASTRAL/Associação de Travestis, Transexuais e Liberados de Goiás na Av. Paraná.

Alguns territórios GLBTS fora do centro, principalmente as boates ou casas noturnas, estão localizados nos bairros de classe média. Como é o caso da boate *Jump* na Av República do Líbano e *D!sel Lounge* na Rua 5 e do Bar Remédio Santo, na Av. Portugal no Setor Oeste; o Bar *Alma Gêmea* na Rua 115, Setor Sul e do Bar *The Pub* na rua 52, Jardim Goiás.

A boate *Jump*, com aproximadamente nove anos, tem se mantido diante da transitoriedade observada, em especial, nos espaços GLS, mais também entre os “ditos” heterossexuais, pois é a boate em Goiânia com maior tempo em evidência. Com a inauguração em 2004 da boate *Disel*, também no Setor Oeste, e com o fechamento da Boate/bar Armazém estes dois espaços, às vezes de forma conflituosa, se estruturam na tentativa de conquistar os (as) clientes. Assim, através dos diversos eventos das duas boates, é possível observar a partir das promoções e o oferecimento de “cortesias” a tentativa de se manter, nem que seja necessário “desmerecer” o outro estabelecimento.

A Domingueira Millenium na Chácara Sol Nascente é o local mais distante da área central. Situada na Av. Nerópolis próxima da Av. Perimetral Norte no Setor Mansões Goiana. Este articula-se com os da área oeste/sul. Parcerias são feitas entre este estabelecimento com as boates e bares da referida área, tendo em vista, os deslocamentos do público homossexual entre estes locais.

As clivagens de classe social, gênero, orientação sexual e raça são fundamentais para entendermos a constituição dos territórios do Setor Central, de Campinas e do Norte (Domingueira Millenium) em relação aos da área oeste/sul. Podemos perceber a maior presença na *Jump* e *D!sel* dos gays de classe média/alta

e brancos. Esta análise pode ser estendida aos três bares citados nesta área: Remédio Santo, *The Pub* e Alma Gêmea. No Bar Alma Gêmea observamos a presença maior das Lésbicas, em relação aos outros.

Além destes territórios “permanentes” e “regulares” percebemos a constituição de outros que se caracterizam pela efemeridade. Mesmo tendo um caráter “breve”, estes territórios “momentâneos” são importantes, pois as festas das chácaras e a parada do orgulho GLBT atraem um grande número de pessoas.

3.2.1 – Territórios-eventos em Goiânia: as festas de chácaras e a parada do Orgulho GLBT

Para Pinho (1998), a noção de “território-evento” pode definir os encontros temporários, mas regulares, de grupos diferenciados em espaços delimitados. Em Goiânia, a constituição destes territórios-eventos acontece em diferentes momentos ao longo do ano, através da Parada do Orgulho GLBT ou a partir das festas que acontecem nas chácaras.

Trevisan (2004), ao escrever um artigo sobre as paradas destaca as “relativas” conquistas e a visibilidade do movimento homossexual no Brasil e, ressalta, também, a “opressão” que é vista e vivenciada pelos homossexuais. Estas podem acontecer no trabalho, na família e até nos espaços reconhecidos como GLS. O autor, ainda destaca a internalização da homofobia entre homossexuais brasileiros. Não se referindo apenas ao “enrustimento”, mas, também à inconsciência da “nossa” condição de oprimidos e o desconhecimento da História que protagonizamos. E acrescenta:

Muita gente ainda não se dá conta de que viver plenamente sua homossexualidade é parte integrante da sua dignidade humana. E só repara que existe repressão quando é expulso de um restaurante por expressar afeto com o namorado. Há homossexuais, sobretudo nos grandes centros urbanos, que vivem como se freqüentar bares, saunas e casas noturnas fosse tudo o que necessitam. Acham que o máximo de liberdade almejada por um homossexual é trepar turbinado por drogas várias, em festas, *raves* e *dark rooms*. Mas há também aqueles que se casaram com outro homem e acham que a felicidade do lar é tudo o que importa. Para essa gente, os avanços na área dos costumes parecem ter caído do céu. Não fazem idéia de que eles só aconteceram porque um punhado de homossexuais tem brigado muito. Eu, inclusive. (TREVISAN, 2004)

Neste contexto, Trevisan (2004), afirma a importância da mobilização, em especial, no mês de junho ⁴na qual são realizadas no mundo inteiro paradas do orgulho GLBT, inclusive em várias cidades brasileiras. Para o autor, comparecer a esta manifestação significa dar possibilidade a um amor legítimo como o “nosso”. E, evidencia a necessidade de afirmarmos não só num dia de nossas vidas. Afinal, “*somos homossexuais 24 horas por dia, 362⁵ dias por ano.*” (TREVISAN, 2004).

As três últimas edições da Parada do Orgulho GLBT de Goiânia, 2003, 2004 e 2005 ocorreram enquanto era desenvolvida esta pesquisa. Assim, acompanhamos durante estas três edições as mudanças, os avanços, as parcerias que dinamizaram este importante evento de mobilização política.

Em 29 de junho de 2003, as ONG’S: As Associações Ipê Rosa e AGLT organizaram a - I Parada Unificada do Orgulho Gay de Goiânia – Unidos Somos mais Fortes. Desde a concentração no Parque Botafogo, início da Av. Araguaia até o encerramento na Praça Universitária, cerca de 3 mil participantes percorreram as Avenidas Araguaia e Paranaíba, fizeram uma parada no Mercado Aberto, subiram a Avenida Goiás, contornaram a Praça Cívica e passaram pela Rua 10 Até a Praça Universitária.

⁴ O confronto entre policiais e gays no bar Stonewall, em Nova Iorque no dia 28 de junho de 1969, tornou-se marco no combate a homofobia. Posteriormente o movimento homossexual elegeu esta data como o dia do Orgulho Gay (Gay Pride) e com o número cada vez mais crescente de passeatas (paradas) nas metrópoles, estas manifestações acontecem preferencialmente no mês de junho.

⁵ Os 3 dias de carnaval é “permitido” ser gay.



Figura 1 - Flyer de divulgação da Parada do Orgulho GLBT -2003



Figura 2 - Concentração no Pq. Botafogo



Figura 3 - Na Av. Paranaíba com Goiás



Figura 4 - Encerramento na Praça Universitária

Através da parceria firmada em 2003, no dia 27 de junho de 2004 aconteceu a II Parada Unificada do Orgulho Gay de Goiânia, com aproximadamente 3 mil participantes, uma das mudanças em relação à manifestação do ano anterior foi a mudança no percurso, estendendo-se até a Praça Cívica. A alteração ocorreu a partir da Praça, ao contorná-la os manifestantes percorreram toda a Av. Araguaia até chegar no Parque Botafogo. O tema deste ano foi às eleições municipais e a necessidade de planos governamentais e propostas de projetos de lei de interesse dos homossexuais

(O popular, 28 de junho de 2004). Neste ano, a divulgação do evento foi maior, haja vista, os reflexos do sucesso da Parada de São Paulo (1,5 milhão de participantes).

No flyer e cartaz de divulgação da II Parada do Orgulho Gay de Goiânia, além de conter informações sobre data, local, horas a realização e os apoios da referida manifestação. O mesmo apresentava informações sobre as paradas de: Brasília e Aparecida de Goiânia. Deste modo, percebemos a articulação das ONG's destas cidades na organização das paradas e na estruturação do movimento GLBT em Goiás e no Distrito Federal a partir de Goiânia e de Brasília.



Figura 5 - Flyer de divulgação da Parada do Orgulho GLBT - 2004



Figura 6 - Abertura da Parada GLBT de 2004



Figura 7 - Contornando a Praça Cívica



Figura 8 - Encerramento no Pq. Botafogo

Naquele ano, não se podia escolher uma data melhor para a parada de 2005, na tarde de domingo do dia 12 de junho (Dia dos Namorados). A manifestação deste ano foi marcada por algumas alterações em relação às duas edições anteriores. Mesmo com as parcerias das ONG's o evento deixou de ser denominado como "unificado", além disso retomou-se a contagem partir de 1996 e voltou a utilizar as letras iniciais dos demais segmentos – 9ª Parada do Orgulho GLBT de Goiânia -. O grande destaque deste ano foi o aumento significativo do número de participantes, cerca de 20 mil pessoas percorreram as ruas e avenidas (Av. Araguaia, Av. Paranaíba, Rua 3 e Av. Araguaia até o Parque Botafogo) centrais da capital goiana reivindicando *"Direitos iguais, nem mais, nem menos"* tema escolhido para as paradas do Brasil, tendo em vista a apreciação e a pressão para a votação no Congresso Nacional do Projeto de Lei nº 1.151/95, da Deputada Marta Suplicy a respeito da parceria civil entre pessoas do mesmo sexo.



Figura 9 – Cartaz de divulgação da Parada do Orgulho GLBT de Goiânia - 2005



Figura 10 – Abertura da parada no Pq. Botafogo.



Figura 11 – Parada na Av. Tocantins



Figura 12 – Encerramento no Pq. Botafogo.

Um fato importante que devemos destacar é o engajamento na 9ª Parada do Orgulho GLBT dos bares e boates. Esta manifestação foi marcada pela presença dos trios elétricos, das boates *D!sel*, *Jump* e Domingueira Millenium. Observamos, também, um número significativo de pessoas de Brasília e/ou do Distrito Federal, bem como das cidades do interior do Estado. Deste modo, percebemos a consolidação de Goiânia como polarizadora das políticas voltadas para os GLTB.



Figura 13 – Flyer de divulgação das Paradas no Interior de Goiás - 2005

Assim como o evento anual mais importante – a parada - as festas de chácaras atraem, também, freqüentadores de outras cidades goianas e do Distrito Federal. As mais expressivas são organizadas pelas empresárias Érica Lins e Alessandra Serafim. As festas *Expo4four* e *Hanover* são realizadas no primeiro semestre, já *Independence Gay*, *Halloween* e *Reveillon* são promovidas no segundo semestre, estas ocorrem respectivamente próximo ao feriado de 7 de setembro, dia 31 de outubro e na passagem do ano. Cabe destacar o expressivo número de freqüentadores destas festas, em especial no *Halloween* e *Reveillon*, atingindo cerca de 4 mil pessoas.

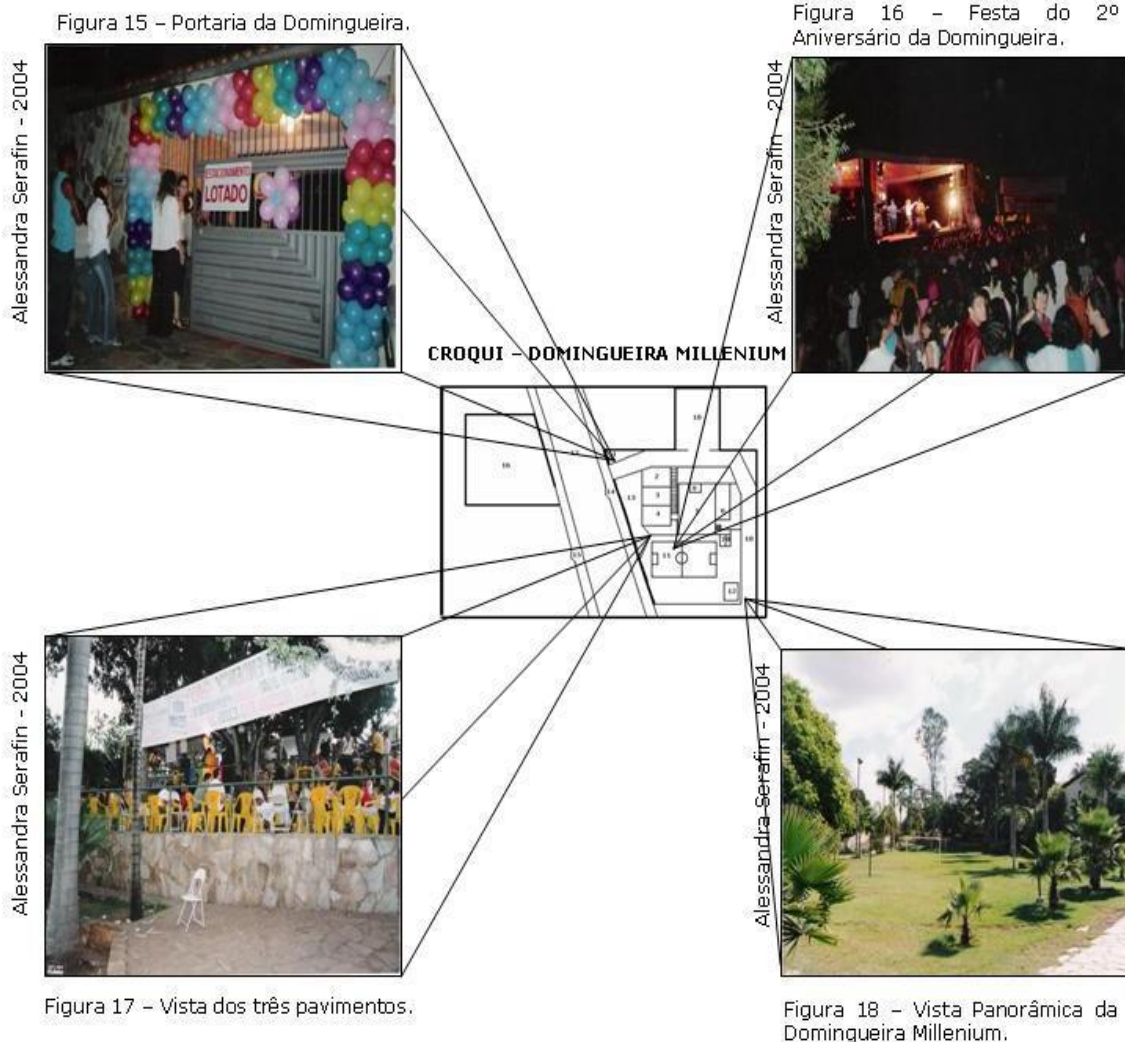


Figura 14 - Flyer de divulgação do Halloween - 2004

A partir deste panorama de territórios GLTBS da metrópole goianiense elegemos, para uma maior compreensão destes territórios, a Domingueira Millenium. Através deste território analisamos sua constituição, e suas estratégias de manutenção frente aos demais dos segmentos GLTBS, avaliamos também a relação entre os territórios, em especial espaços privados, direcionados para o lazer – bar e boate – e, a partir daí a configuração da Domingueira como um território identitário.

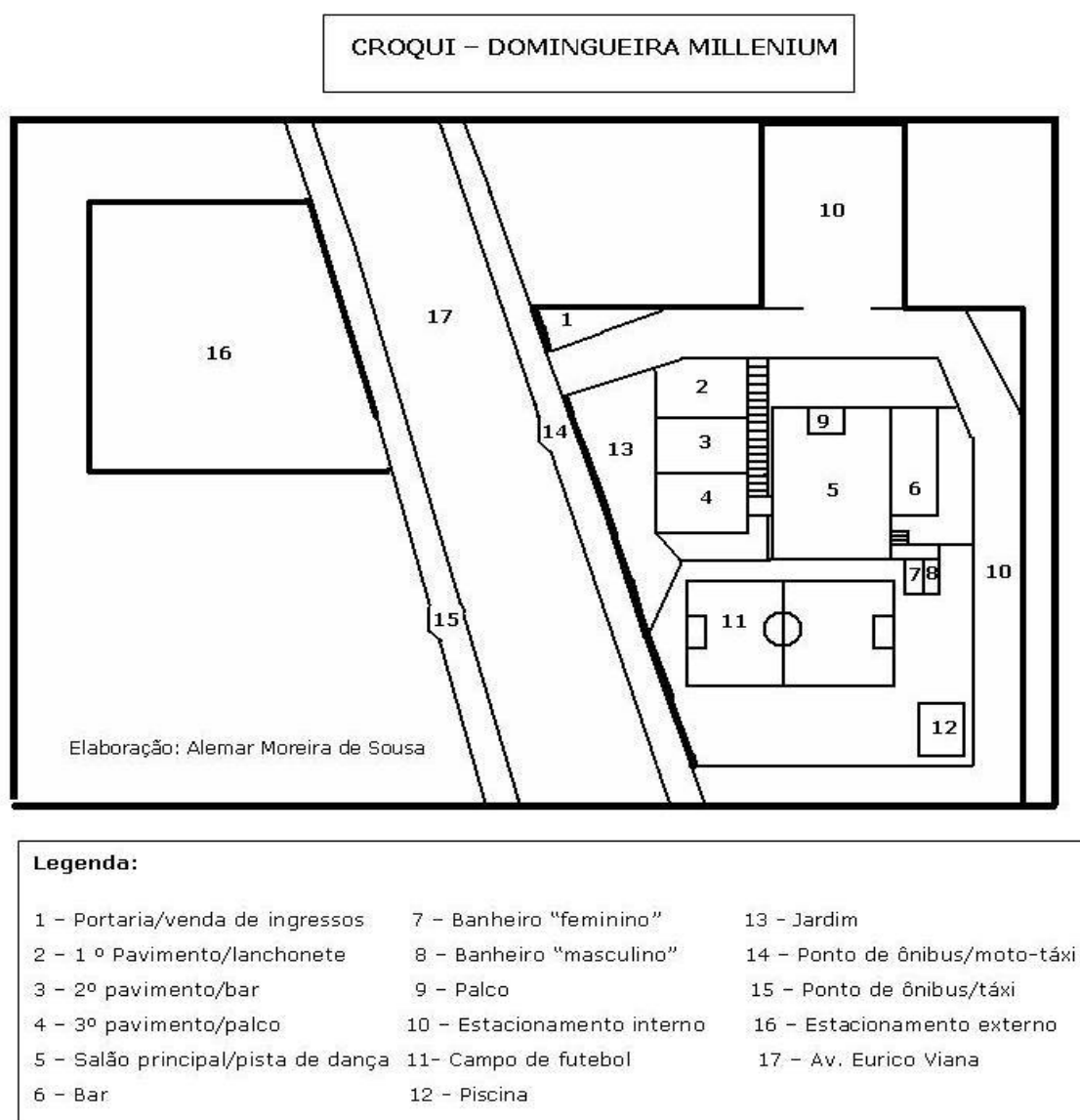
3.3 - A Domingueira Millenium e os outros territórios GLTBS em Goiânia

A chácara Sol Nascente onde acontece a Domingueira Millenium é o maior local de sociabilidade dos GLBTS em Goiânia. Por se localizar próximo do de um córrego, numa vertente, esta chácara dispõe de amplos ambientes. Na entrada, foi adaptada uma bilheteria. 5 metros mais à frente temos o primeiro acesso para o salão principal (convertido em pista de dança), um escadaria conduz a este salão, mas esta escadaria dá acesso a três pavimentos (no primeiro, ao lado da mesa de bilhar estão dispostas algumas mesas com cadeiras, e no final uma lanchonete; no segundo pavimento estão instaladas mesas e cadeiras mais para o lado da entrada e no final um bar; no terceiro pavimento mais mesas e cadeiras e um “pequeno palco” onde são feitas as apresentações musicais no final da tarde.



No salão principal, além da pista de dança estão instalados o palco (usado principalmente para apresentação das *drag queens* e *go go boys*); a cabine do *DJ* e mais à frente o segundo bar. Ao lado do bar localizamos o segundo acesso ao salão principal. A partir dele estão dispostos dois banheiros (masculino e feminino), mas esta divisão a partir dos gêneros não é rigorosa os dois são utilizados por todos os segmentos. A chácara também dispõe de um amplo estacionamento (interno: ao redor do muro e acima do salão principal, externo: em frente à chácara, do outro lado da Avenida, este só é utilizado em ocasiões (festas) especiais). A chácara ainda dispõe de um campo de futebol e um pequeno jardim. Nas festas maiores o campo de futebol se transforma numa grande pista de dança com palco e tendas.

Croqui 1

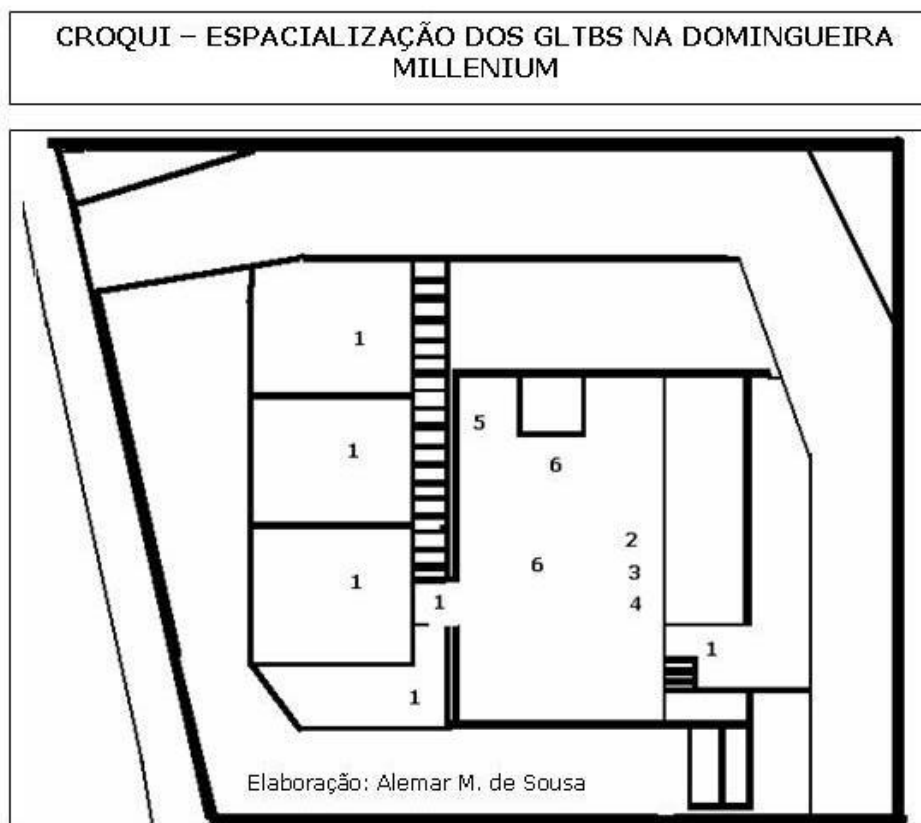


Fonte: Sousa, 2005 (Trabalho de Campo).

A partir deste mapeamento da chácara e de observações à campo é possível geografizar a disposição dos GLTBS neste território. No salão principal podemos perceber a espacialização de cada um dos segmentos apresentados acima, próximo às duas portas que dão acesso a este salão. Observamos a ocupação destes ambientes principalmente por *gays* de meia idade e de classe média. Estes também permanecem mais nos três pavimentos nas mesas. Os (as) transgêneros, em especial as *drag queens* e as travestis preferem permanecer ao lado do bar. Este ambiente é dividido, também com os *barbies*. As lésbicas elegeram o cantinho esquerdo a partir do

primeiro acesso como predileto. No meio do salão e próximo ao palco ficam os GLTBS que gostam de dançar. (*croqui 2*).

Croqui 2



Legenda:

- | | | |
|------------------------|---------------|--------------------|
| 1 – Gays de meia idade | 3 – Travestis | 5 – Lésbicas |
| 2 – Drag queen | 4 – Barbies | 6 – GLTB dançantes |

Fonte: Sousa, 2005 (Trabalho de Campo).

Deste modo, percebemos que há uma divisão territorial interna. É necessário entendermos esta dinâmica interna, bem como a externa da Domingueira Millennium para, a partir daí, compreendermos a configuração deste território através das relações estabelecidas por seus frequentadores.

As entrevistas com os frequentadores(as), com os funcionários(as) (seguranças, bar *man* e bar *girl*, DJ, entre outros) e a proprietária serviram de base para apreendermos a relação entre estes diferentes indivíduos que, aos poucos, contribuem para a construção deste território identitário. A partir das observações

escolhemos alguns GLTBS para revelar-nos as suas percepções deste e dos outros territórios GLTBS de Goiânia. Assim, 23 gays, 5 lésbicas, 4 transgêneros, 6 bissexuais e 2 simpatizantes (Tabela 01) evidenciaram suas experiências em relação à Domingueira Millenium e os demais territórios GLTBS goianiense.

Tabela nº. 01

Número de entrevistados por Identidade Sexual	
Identidade/orientação sexual	Nº.
Gay	24
Lésbica	6
Travesti	4
Bissexual	4
Simpatizante	2
TOTAL	40

Fonte: Sousa, 2005. (Trabalho de Campo)

Para garantirmos privacidade aos(as) entrevistados(as), deixamos bem claro que o nome poderia ser fictício, mas valorizamos a resposta da idade, da naturalidade e, se não fosse natural de Goiânia, respondesse sua naturalidade e o ano que migrou para a referida metrópole. Outra questão importante está relacionada ao bairro onde moram os(as) entrevistados(as). A partir daí, percebemos que estes deslocam de diferentes pontos da cidade, alguns residem nas cidades que compõem a região metropolitana e, como já referimos, outros nas cidades do interior de Goiás e do Distrito Federal. A partir da definição da orientação/identidade sexual indagamos à cor/raça/etnia do entrevistado, bem como sua ocupação/profissão e classe social.

As questões da segunda parte da entrevista tinha como objetivo o mapeamento dos territórios frequentados pelos entrevistados, a regularidade de frequência, os territórios nos quais os frequentadores se identifica ou não identifica e, por fim, se os entrevistados sofreram ou não preconceito dentro dos territórios.

Na última parte da entrevista questionamos o convívio do cliente com/na Domingueira Millenium. O tempo de frequência, a regularidade, os atrativos e os meios de transporte utilizados para locomover-se para o local foram as questões lançadas aos entrevistados.

A construção/manutenção da Domingueira Millenium enquanto um território identitário é produzido pelo diferentes agentes que delineiam suas características. Deste modo, ao cruzarmos as observações e os dados do trabalho de campo, percebemos que um segmento compõe a maioria dos frequentadores. Diferentemente das outras duas boates (*D!sel* e *Jump*) a Domingueira apresenta um público bem mais diverso, abarcando um número maior dos segmentos LTBS. Apesar disso, observamos o predomínio dos Gays em relação aos outros segmentos. Avistamos, também, que este segmento é representado em sua maioria por um público bem jovem, entre 18 e 25 anos (Tabela 02). Esta observação pode ser estendida aos outros segmentos entrevistados.

Tabela nº. 02

Perfil dos frequentadores(as) da Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual e faixa etária						
Orientação/Identidade Sexual	Faixa Etária					
	18-25	26-30	31-40	41-50	Acima de 50	
Gay	13	5	2	3	1	Total
Lésbica	2	2	1	0	1	
Travesti	2	2	0	0	0	
Bissexuais	3	0	0	0	1	
Simpatizantes	0	0	0	2	0	
	20	9	3	5	3	40

Fonte: Sousa, 2005 (Trabalho de campo)

Outra preocupação significativa é a presença de lésbicas, de transgêneros e gays negros em comparação com as duas boates, com um público predominantemente gay, de classe média e branco. Destacamos a presença, em especial, das travestis, que são de certa forma, “*corpos interditados*” (Ratts & Sousa, 2004) nestas boates. É na Domingueira Millenium que encontramos uma maior parcela de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais autodeclarados morenos(as)/pardos(as) e/ou negros(as) que somados ultrapassam os GLTBS brancos (Tabela 03). Deste modo, através de uma forma pejorativa alguns frequentadores elaboraram uma “imagem” para definir os frequentadores deste território – *A marronzada* -. Mas, esta definição também está relacionada ao estilo musical diverso da Domingueira Millenium, em especial execução das músicas de pagode, associada aos negros.

Tabela nº. 03

Perfil dos frequentadores(as) da Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual e cor/raça/etnia autodeclarada					
Orientação/ Identidade Sexual	cor/raça/etnia				
	Branca	Moreno Claro	Parda / Morena	Negra	
Gay	6	5	9	4	Total
Lésbica	2	0	3	1	
Travesti	1	1	2	0	
Bissexuais	1	1	2	0	
Simpatizantes	1	0	0	1	
	11	7	16	6	40

Fonte: Sousa, 2005 (Trabalho de campo).

Ao abordarmos as variáveis de classe social, gênero, orientação/identidade sexual e raça/cor/etnia realizada acima, e, em especial, relacioná-las à raça. Góis (2003), ao analisar os desencontros entre os estudos da homossexualidade e estudos do gênero evidencia o pouco exame da diversidade dos subgrupos incluídos tradicionalmente sob a rubrica homossexual. Para o autor, estes estudos “*tem-se dirigido predominantemente aos homossexuais do sexo masculino, também brancos*

ou sem cor.” (Góis. 2003. p. 13). A questão racial na maioria das vezes são ignoradas nestes estudos. Segundo Pinho (2004), há necessidade de se pluralizar raça e gênero. Para o autor, podemos reconhecer uma diferença entre homossexualidades brancas e negras, assim como entre modalidades diversas de homossexualidades negras, sendo a mais óbvia que distinguiria homens, mulheres e transgêneros. E, apresenta:

Estou convencido que por razões morais, políticas e epistemológicas é fundamental se reconhecer e incorporar a pluralidade das experiências de identidade homossexual, assim como muitas outras, como parte da riqueza das identidades afrodescendentes contemporâneas. Aliás, gostemos ou não, existem muitos gays, lésbicas e travestis negros no Brasil. Apesar de homossexuais, são negros. Além de negros, homossexuais. (PINHO, 2004. p.05)

Isto posto, cabe ressaltar que em alguns casos os entrevistados atribuíram uma outra cor/raça/etnia. Deste modo, poucos se reconhecem enquanto negro(a) ou afrodescendente.

Outra questão complicada refere-se à classe social do entrevistado, sendo que a maioria se reconheceu enquanto pertencente da classe média (Tabela 04), diferentemente da questão anterior, esta por não ser tão visível/perceptível. Uma forma de percebermos o predomínio de frequentadores de classe social baixa ou média baixa é o esvaziamento da Domingueira Millennium por volta de onze horas e trinta minutos, estes vão em grande número para os pontos de ônibus, situado em frente ao local.

Tabela nº. 04

Perfil dos frequentadores(as) da Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual e classe social					
Orientação/ Identidade Sexual	Classe social				
	Baixa	Média baixa	Média	Média alta/ Alta	Total
Gay	1	4	15	4	
Lésbica	1	1	2	2	
Travesti	0	0	4	0	
Bissexuais	0	0	4	0	
Simpatizantes	0	0	2	0	
	2	5	27	6	40

Fonte: Sousa, 2005 (Trabalho de campo).

A estrutura dos outros locais impossibilita parte dos GLTBS de frequentarem os mesmos. Deste modo, mesmo não utilizando outras variáveis, a classe social limita financeiramente e psicologicamente o acesso às boates de classe média. A Domingueira então se configura como um ambiente mais acessível em relação aos demais. Além desta, os entrevistados destacaram quais são os outros territórios nos quais eles frequentam preferencialmente (Tabela 05).

A partir da definição dos locais frequentados questionamos a (não) identificação dos entrevistados com estes. Em todos os segmentos a Domingueira Millenium é preferencialmente o ambiente na qual eles(as) se identificam mais, esta preferência pode ser percebida pelos motivos apontados pelos entrevistados, que vão além dos atrativos estruturais destacando os laços de amizade construídos neste território:

“(...) um ambiente *light*, sem olhos de preconceito, a natureza.” (Maria do Socorro - Lésbica, morena, classe média 32 anos).

“(...) Gosto do pessoal, aqui é como se fosse uma família, a começar pela dona, gosto também do espaço físico” (Marlene, parda, classe média – Lésbica, 51 anos).

“(....) meus amigos reúnem aqui.” (Renato - Gay, branco, classe média, 24 anos).

“(...) o povo, mais gente, mais *muvuca*.” (Fernando – Gay, moreno claro, classe média 27 anos).

Tabela nº. 05

Locais GLTBS de Goiânia frequentados preferencialmente por orientação/identidade sexual					
Locais	Orientação/ Identidade Sexual				
	Gay	Lésb.	Trav.	Bis.	Simp.
Domingueira Millenium	24	6	4	4	2
D!sel	17	3	3	3	1
Jump	13	0	3	1	1
Alma Gêmea	9	4	0	2	1
Exilium	9	1	0	0	1
Outros	6	0	0	0	1

Fonte: Sousa, 2005 (Trabalho de campo)

As boates *Jump* e *D!sel* são, para os entrevistados, os territórios nos quais eles(as) menos se identificam. As justificativas apresentadas pelos entrevistados para esta rejeição estão, na maioria das vezes, relacionadas aos(as) frequentadores(as) das referidas boates. Para eles(as) a “elitização” nestas boates impõe, conseqüentemente, diferentes formas de se comportar/expressar. Deste modo, percebemos a construção de hierarquias dos locais GLTBS de Goiânia. Os situados nos setores “nobres” da metrópole goiana, no primeiro patamar e os situados na área

central e a Domingueira Millenium, no segundo nível. Acerca da não identificação com as boates *Jump* e *D!sel* destacamos as opiniões de alguns entrevistados:

“Na D!sel as pessoas querem ser o que elas não são, ricas, sendo que todo mundo é igual, todos pegam ônibus também.” (Saulo –Gay, moreno, classe média baixa, 18 anos).

“Na D!sel as bichas são ‘bicudas’ e fazem ‘carão’, querem ser riquinhas e olha que conheço todas”. (David – Gay, moreno, classe média 25 anos).

“Jump devido ao estilo da boate, a administração, deixa a desejar em tudo” (Cláudia – Lésbica, branca, classe média, 26 anos).

Diante da complexidade das relações existentes nestes territórios GLTBS de Goiânia podemos elucidar outra questão importante - o preconceito. Para isso, entendemos que este perpassa as variáveis: orientação/identidade sexual, gênero, cor/raça/etnia, classe social, entre outros. Os exemplos expostos acima demonstram bem o preconceito entre GLTBS através da distinção das classes sociais. Nesta perspectiva, Silva (2002, p. 48) destaca que: “(...) *a localização dos diferentes usos e classes sociais que determinam diferentes acessos aos espaços e equipamentos urbanos*”.

Apesar da “aparente” segurança dos GLBTS nos “seus” territórios como afirma Silva (2002) temos que investigar os meandros no interior destes locais. Os(as) funcionários(as) da Domingueira Millenium e os frequentadores entrevistados destacaram poucos casos de conflito entre os GLTBS alimentados pelo preconceito. Ao perguntarmos se o entrevistado já sofreu algum tipo de preconceito evidenciamos os mais frequentes que estão relacionados às variáveis de orientação/identidade sexual e gênero:

“(...) na D!sel e no Alma Gêmea me barraram na portaria. (...) o mundo gay não coloca a travesti, por que travesti é a parte, lógico né! Mas, na sociedade mesmo que o povo pensa que é tudo igual, gay, travesti, lésbica essas coisas (...) mas mesmo no mundo gay tem preconceito com as travestis. Tem lugar que travesti não entra, tem preconceito

no mundo gay assim como na sociedade em geral.” (Tayla – Travesti, morena clara, classe média, 28 anos).

“Uma outra lésbica me chamou de caminhoneira.” (Lilium – Lésbica/Funcionária, negra, classe média, 28 anos)

O primeiro depoimento acima ilustra perfeitamente o que já comentamos sobre os corpos interditados (Sousa & Ratts, 2004). Quando a transgênero diz que há lugar em que ela não pode entrar, já no segundo notamos claramente o preconceito dentro do segmento lésbico, a identidade de gênero é, neste caso, importante para entendermos as ofensas e agressões aos GLTB que assumem “visivelmente” marcas de masculinidades e feminilidades. As bichas ditas “pintosas” e as lésbicas “caminhoneiras” estão bem mais vulneráveis ao preconceito, não só dentro, mas principalmente fora destes territórios.

O não assumir sua identidade/orientação sexual e escamotear estes “traços” de masculino e feminino torna-se uma estratégia para não ser alvo de preconceito fora dos territórios GLTB. Dentro destes, mesmo correndo o risco de ser repreendido (a), alguns assumem (momentaneamente) identidades de gênero. Boa parte dos (as) funcionários (as) da Domingueira Millenium não comenta com os amigos (as), companheiros (as), família que trabalham num “espaço” GLS. Os que “abriram o jogo” sobre o seu trabalho descrevem as reações:

“(...) os amigos pegam no pé lógico! Já a família fala que agente tá virando ‘viado’, mais não importo”. (Marcilon – heterossexual/funcionário, branco, classe média baixa, 23 anos).

“Minha namorada não gosta, diz que não é ambiente pra mim” (Klenyr- heterossexual/funcionário, moreno, classe média, 20 anos).

Diante deste cenário de relações entre os territórios GLTBS de Goiânia procuramos, a partir daí, verticalizar as questões para a Domingueira Millenium. Deste modo, entender os três anos de existência deste território, as estratégias utilizadas

para mantê-lo e através dos seus atrativos encontramos “pistas” para compreendermos a relevância deste território.

3.4 – A Domingueira Millenium – um território abrigo?

Para Santos (2000), a sociedade atual tem buscado dar sentido as suas vidas através da prática reflexiva. Deste modo, o território se configura enquanto *lócus* desta ação, como afirma:

O território não é apenas o lugar de uma ação pragmática e seu exercício comporta, também, um aporte da vida uma parcela da emoção, que permite aos valores representar um papel. O território se metamorfoseia em algo mais do que um simples recurso e, para utilizar uma expressão, que é também de Jean Gottmann, constitui um abrigo (SANTOS, 2000, p. 111-112).

Nesta perspectiva, podemos reportar esta apreensão à Domingueira Millenium. O sentimento de pertencimento dos frequentadores descrito nas entrevistas como: um “ambiente” familiar e o “espaço” onde os amigos se encontram podem demarcar este como um “território abrigo”. Para isso, temos que recorrer à exposição da proprietária sobre os 3 anos de história deste território.

“A minha experiência como promotor de festas GLS me deu base para montar este projeto da Domingueira, pois neste dia os bares e boates não se interessavam em promover festas. Na realização deste projeto tinha em mente uma chácara, por isso a distância em relação aos outros espaços não era importante (...) Para atrair um público diverso priorizei: um bom atendimento, variados ritmos musicais e algumas novidades. Além de receber cerca de 1000 pessoas aos domingos, nas festas especiais durante o ano este número dobra ou triplica. As parcerias feitas com as ONG's, os outros estabelecimentos GLS, exceto a Jump, contribui para fazer da Domingueira – a melhor opção GLS do domingo.”

(Alessandra Serafim – Lésbica/proprietária, morena clara, classe média, 34 anos).

A partir do dia 05 de maio de 2002, a Domingueira Millenium se constitui enquanto um local GLTBS em Goiânia (figura 19, 20, 21 e 22). Com o aumento no número de frequentadores, este estabelecimento muda de endereço no início de fevereiro de 2003, passando a funcionar na atual localização. Mas, tanto a chácara anterior Soraya Fernandes (situada no Jardim Diamantina) quanto a atual Sol Nascente (Situada no Setor Mansões Goianas) estão localizadas na zona norte de Goiânia, distante cerca de 5 km uma da outra.

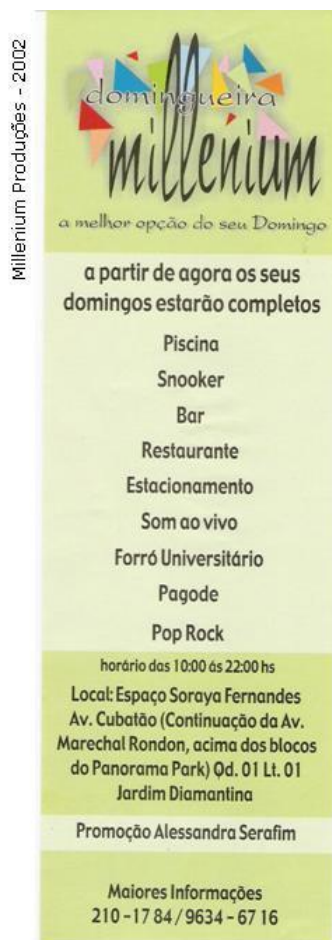


Figura 19 - Flyer de divulgação da inauguração da Domingueira Millenium.



Figura 20 - Flyer de divulgação do 1º aniversário da Domingueira Millenium



Figura 21 - Flyer de divulgação do 2º aniversário da Domingueira Millenium.



Figura 22 - Flyer de divulgação do 3º aniversário da Domingueira Millenium.

O tempo de frequência (Tabela 06) na Domingueira Millenium, bem como a regularidade dos frequentadores são dados importantes para entendermos a construção deste território na metrópole goiana. Boa parte dos(as) entrevistados(as) vão a Domingueira Millenium desde a inauguração, no endereço anterior, seguido por aqueles(as) que frequentam mais de 1 ano e 2 anos.

Tabela nº. 06

Tempo de frequência a Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual

Orientação/ Identidade Sexual	Tempo de Frequência						
	Desde a inauguração	Mais de 2 anos	Mais de 1 ano	Mais de 6 meses	Mais de 3 meses	1ª vez	
Gay	6	6	6	1	3	2	Total
Lésbica	2	1	2	1	0	0	
Travesti	1	0	3	0	0	0	
Bissexuais	1	0	0	1	0	2	
Simpatizantes	1	0	0	1	0	0	
	11	7	11	4	3	4	40

Fonte: Sousa, 2005 (Trabalho de campo).

Entre os frequentadores mais recentes destacamos os que foram pela primeira vez, 2 gays e 2 bissexuais, na ocasião questionamos o que os levaram a conhecer este território e, à primeira vista, do que mais eles gostaram na Domingueira Millenium:

“Me disseram que aqui era um lugar bem legal, era amplo e dava muita gente bonita (risos)” (Wallace/gay, branco, classe média, 19 anos).

“Gostei do pessoal, do ambiente, da música (...)”. (Rodrigo/gay, moreno claro, classe média 18 anos).

Como já afirmamos acima, não só a Domingueira Millenium como os outros territórios GLTBS de Goiânia atraem público de outras cidades além da região metropolitana, como é o caso do primeiro entrevistado exposto acima, que se trata de um brasileiro. Quanto à regularidade de frequência (Tabela 07) a este território

percebemos que um número expressivo vão todos os domingos e, a não ser os que foram pela primeira vez, a maioria vai pelo menos uma vez por mês neste espaço.

Tabela nº. 07

Regularidade de frequência a Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual							
Orientação/ Identidade Sexual	Regularidade						
	Todos os domingos	2 vezes ao mês	1 vez ao mês	1 vez em 3 meses	1 vez em 6 meses	1ª vez	
Gay	7	3	6	5	1	2	Total
Lésbica	3	0	2	1	0	0	
Travesti	1	2	1	0	0	0	
Bissexuais	1	0	1	0	0	2	
Simpatizantes	1	0	1	0	0	0	
	13	5	11	6	1	4	40

Fonte: Sousa, 2005 (Trabalho de campo).

Os frequentadores assíduos e os não-assíduos apresentam principais atrativos da Domingueira Millenium. Dentre eles, destacamos o espaço físico, a música, o custo/valor dos produtos e o atendimento (Tabela 08). Um em especial merece ênfase – a música. Diferentemente do que se costuma ouvir nos territórios GLTBS, na Domingueira Millenium podemos ouvir um vasto repertório. A partir das 16 até as 18 horas, acontece apresentações musicais “ao vivo”, geralmente voz e violão (Figura 25). Depois deste horário a pista de dança (23) é aberta com música eletrônica e mixada (nacional e internacional), pode tocar um pouco de “*Flash Back*”⁶, entre este primeiro momento, ou depois dele, outros ritmos não ficam fora do repertório, em

⁶ Músicas das décadas de 1970,1980 e 1990 interpretadas por: Gloria Gaynor, Village People, Madonna, Whitney Houston, entre outros.

especial, o “Axé Music” e o forró. Já no fim de noite de domingo ou início da madrugada das segundas-feiras o DJ toca MPB para finalizar a festa.

Neste contexto, buscamos a contribuição do DJ entrevistado:

“Para mim a música é o diferencial, a maioria das outras boates só toca música eletrônica (...) é a música diferenciada que conquistou o público (...) as boates são voltadas para o público preferencialmente Gay, aqui não”. (Alyson – Heterossexual/DJ, moreno claro, classe média, 27 anos).

Figura 23 – Vista da pista de dança do salão principal



Figura 24 – Apresentação de drag queen.

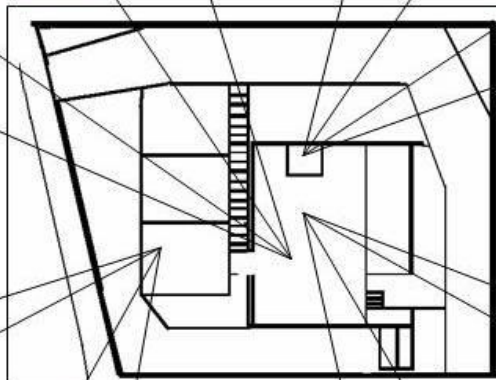


Figura 25 – Apresentação musical no início da noite.



Figura 26 – Apresentação de drag queen

Tabela nº. 08

Atrativos da Domingueira Millenium por identidade/orientação sexual					
Orientação/ Identidade Sexual	Atrativos				
	Espaço Físico	Música	Custo/valor	Atendimento	Outros
Gay	9	9	4	4	5
Lésbica	4	5	2	4	4
Travesti	1	2	1	0	2
Bissexuais	1	3	2	1	3
Simpatizantes	1	1	3	1	2

Fonte: Sousa, 2005 (Trabalho de campo).

Cabe destacar no último depoimento o momento em que o entrevistado comenta o alvo preferencial das boates - os gays. Os motivos que sustenta esta afirmação são vários, basta olhar para as programações e estrutura das boates, privilegiando os shows de *drag queen* e *go go boys* e quase nunca as apresentações dos *drag kings* e *go go girls* e o *dark room* é um território exclusivamente gay. Nesta perspectiva, concordamos, também que a Domingueira Millenium, não só pelo seu repertório musical, mas por outros aspectos engloba um número maior e diverso de GLTBS.

Por fim, não poderíamos deixar de elucidar um aspecto interessante da Domingueira Millenium. O que faz deste um território identitário abrigo? Além dos atrativos expostos acima lançamos outro motivo importante. Se a Domingueira é vista para muitos como um ambiente familiar e um ponto de encontro para os amigos, podemos associar estas relações ao que habitualmente construímos a ideia do domingo, o dia do encontro com a família. No caso dos GLTBS, o domingo se divide em duas partes, a primeira com a sua família e o segundo com a Domingueira Millenium. Mas, para muitos o único momento “familiar” acontece no referido território.

Considerações finais

Nosso amor é político. Portanto, ser homossexual já é um ato político. Nossa maneira de amar integra nossas vidas de maneira determinante, como tantos outros gostos ou necessidades pessoais. Precisamos de liberdade, dignidade e amor-próprio, pois temos direito de viver de acordo com a vocação do nosso amor. Coisas que ninguém nos dará de graça. Chega de ser vítima. Se quiser seu direito de amar, levante a bandeira de si mesmo: lute e conquiste-o. Comece já! (TREVISAN, 2004)

Os territórios GLTBS de Goiânia são importantes enquanto *lócus* de sociabilidade, de vivência destes segmentos (in)visíveis para sociedade. Temos que destacar que estes territórios estão cada vez mais em evidência, tanto os permanentes (bares, boates, saunas, etc.), quanto os efêmeros (festas de chácaras e a parada do orgulho GLBT). Mas, mesmo com esta visibilidade corremos o risco de ficarmos presos aos limites destes territórios ou reproduzirmos o modelo segregador das metrópoles estadunidense, na qual constroem bairros GLS, clubes GLS, etc.. Deste modo, devemos ir além das fronteiras que nos foram impostas e que os GLTB demarcaram.

Cabe destacar que boa parte dos territórios GLTBS, não só de Goiânia, não consegue abarcar a todos. Muitos gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais estão à margem deste processo. Até por que a única “brecha” que vemos para a aceitação destes segmentos se dá pelo que convencionou chamar “mercado cor-de-rosa”⁷. Assim, partindo do pressuposto que vivemos numa sociedade cada vez mais desigual, muitos indivíduos que não possuem condições financeiras acabam excluídos deste mercado.

O crescimento considerável do mercado cor-de-rosa no Brasil e no mundo está relacionado ao incentivo ao consumo direcionado ao público GLS, como já afirmamos anteriormente esta “marca/sigla” dá maior visibilidade aos estabelecimentos, produtos

⁷ “O mercado cor-de-rosa, assim apelidado e divulgados internacionalmente pelos americanos como *pink money*. ” (Garcia, 2004, p. 111)

voltado para estes segmentos. Deste modo, estratégias são criadas na elaboração de produtos culturais e artísticos, como evidencia Garcia (2004, p. 113):

A maior manifestação de uma tendência desse mercado demonstra uma parcela significativa de pequenos e médios empresários que investem em entretenimento (bares, boates e saunas) nas metrópoles, interessados em atender a esse segmento de consumidores, que costuma frequentar a vida noturna como lazer. As manobras do mercado cor-de-rosa criam condições estratégicas, as quais exploram os aspectos identitários e culturais, reunindo formas de agenciamento a ações comunicacionais para o desenvolvimento comercial.

Para Parker (2002), este mundo comercial que surgiu nos últimos anos contribui para homogeneização do mercado cultural gay. E, a partir destes produtos criados podemos visualizar a ostentação de um estilo de vida gay, que serve não só para encontros entre parceiros sexuais, mas também para uma sociabilidade entre os diversos segmentos que frequentam estes territórios. Neste contexto, destacamos a não presença dos outros segmentos na afirmação do autor, isso se deve em parte pela ação de uma parcela dos gays que na formação de políticas identitárias carregam o “ranço” do sexismo, do racismo e das diferenças de classes sociais.

Diante da situação exposta acima percebemos que este mercado é direcionado quase que exclusivamente para os gays, em especial branco e de classe média ou alta. Esta padronização configura uma dinâmica excludente, pois não constrói meios para uma ampla participação não só dos gays da classe baixa, mas também para os demais segmentos.

Segundo Garcia (2004), os estabelecimentos de consumo voltados ao público GLS utilizam a bandeira do arco-íris⁸(Figura 27) como estratégia de identificação para este mercado. E acrescenta: *“Esse ícone, representado pela bandeira do arco-íris, demarca estrategicamente o território do mercado cor-de-rosa, sobretudo para os turistas identificarem os espaços de consumo”.* (GARCIA, 2004, p. 114).

⁸ “A bandeira do arco-íris (rainbow flag) transformou-se em um símbolo gay universal.” (Garcia, 2004, p. 114)



Figura 27 – Bandeira do Arco-íris (*rainbow flag*).

Se por um lado, a existência deste mercado “cor-de-rosa” permitiu uma maior visibilidade pública dos(as) GLTB e, como consequência, um aumento e disponibilidade de produtos culturais específicos: sites, editoras, livrarias, bares, boates, agências de viagens turismo, etc. Temos, por outro, “momentos” de liberdade numa sociedade que continua essencialmente discriminatória. Deste modo, mais uma vez temos que ressaltar os que não tem este “direito ao consumo”. E, será que só é esse o único caminho para aceitação dos GLTB pela sociedade? E os que não possuem este direito ao consumo?

As questões apresentadas acima são fundamentais para construirmos outros caminhos possíveis para o avanço da sociedade. Pois não defendemos aqui o direito a igualdade aos heterossexuais, não só pelo viés mercadológico, mas também pelo sociocultural até por que não somos iguais. Mas, também não podemos pensar no direito à diferença por si só, por que não somos “seres alienígenas”. Concordamos com Pinho (2005), que ao refletir sobre como queremos ser visto pela sociedade. Iguais aos heterossexuais ou pela diferença criativa? Aponta para a segunda opção como um caminho viável para mantermos nossos potenciais:

(...) queremos ser reconhecidos como plena posse de nossos direitos civis, principalmente do direito de instituir “vida criativa”, do direito de exhibir socialmente nosso humor sofisticado, nossos desejos vulgares e nossa imaginação desigual. Como Signorlle, eu diria que “não somos iguais aos outros e que queremos ser aceitos como diferentes”. (PINHO, 2005, p. 02).

Para Louro (2004), se quisermos afastar, (re)inventar e/ou subverter as normas que regulam as identidades sexuais/gênero e de orientação sexual temos que nos esforçar, haja vista que esta atitude implica custos morais, políticos, materiais, sociais e econômico. É preciso “ousar” e evidenciar estes territórios que se caracterizam pela diferença criativa, pois estes podem até ser construídos através do viés mercadológico, mas depois transformam-se num abrigo onde vivenciar a sua identidade/orientação sexual, mesmo que por algumas horas, representa liberdade.

*A diferença
Liberdade concedida
Não me interessa
E eu não tenho pressa pra conferir
Nessa altura
Do campeonato
Não vou mais sair no braço
Pra ninguém me engolir
Quem perde é quem prega
Quem precisa
É quem nega o desconhecido
Exceção à regra
Que confunde e cega
Os pobres donos do mundo
A diferença tá na crença
De quem pensa que pensa
E apenas alimenta
Meias verdades
Meias atitudes
Meias bondades
Nada disso me interessa
E eu não tenho pressa para conferir*

(Zélia Duncan, *A diferença*, 1996)

Referências Bibliográficas

ALMEIDA NETO, Luiz Mello. *Família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual*. Tese de Doutorado. Brasília, UnB, FCH, 1999.

ALVES, Arivaldo de Lima Alves. *A experiência do samba na Bahia: práticas corporais, raça e masculinidade*. Tese de Doutorado, UnB, FCH, 2003.

BADINTER, E. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BENTO, Berenice Alves de Melo. *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Tese de Doutorado, UnB, FCH, Brasília, 2003.

BONNEMAISON. Joêl. *Viagem em torno do território*. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia Cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p. 83-131.

BUTLER, Judith. *Como os corpos se tornam matéria*. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acessado em: 26/05/2004.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 07-34.

CAMPOS, H. A. *Permanência e Mudanças no Quadro de Requalificação de Cidades Brasileiras: o Caso das Territorialidades do Sexo na Área Central do Recife*. In *Revista Território*, UFRJ, nº 9, julho – dezembro. Rio de Janeiro: 2000.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Goiânia: uma Metrópole em Travessia*. Tese de Doutorado em Geografia. São Paulo, USP, FFCH, 2002.

CITELI, Maria Teresa. *Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento*. Disponível em:

CLAVALL, Paul. *As abordagens em geografia cultural*. In: CASTRO, Iná Elias (Org. et al). *Explorações geográficas – percurso no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 89-118.

_____. *A geografia cultural: o estado da arte*. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 59-97.

_____. *Campos e perspectivas da geografia cultural*. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia Cultural: um século (3)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p. 133-196.

CORREA, Roberto Lobato. *Espaço, um conceito-chave da Geografia* In: CASTRO, Iná Elias (Org. et al). *Geografia: Conceitos e temas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 77-116.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

COSTA, Benhur Pinós da. *A condição homossexual e a emergência territorializações*. Comunicação apresentada no XIII Encontro Nacional de Geógrafos. João Pessoa: AGB, 2002.

COSTA, Cláudia de Lima. *Paradoxos do gênero*. Revista Gênero, Niterói v. 04, n. 01, 2003, p. 169-177.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher no Brasil*. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FOUCAULT, Michael. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GARCIA, Wilton. *Homoerotismo & imagem no Brasil*. São Paulo: U. N. Nojosa, 2004.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Graal. 1989. p. 13-41.

GÓIS, João Bosco Hora. *Desencontros: as relações entre os estudos sobre homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil*. Revista Gênero, Niterói v. 04, n. 01, 2003, p. 7-16.

GOMES, Paulo César da Costa. *Identidade e exílio: fundamentos para a compreensão da cultura*. Revista Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, nº. 05, 1998, p. 31-42.

GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana – ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HAESBAERT, Rogério. *Identidades territoriais*. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 169-190.

_____. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade da pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

http://www.creatividadfeminista.org/articulos/lesb_posmodernismo.htm . Acessado em 27/09/2004

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-26X2001000100007&lng=pt&nrm=iso Acessado em 04/02/2005.

JAYME, Juliana Gonzaga. *Travestis, transformistas, drag queens, transexuais: pensando a construção de gênero e identidades na sociedade contemporânea*. Comunicação apresentada no XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/xxv-ci/np13/NP13JAYME.pdf> acessado em 07/02/2004.

JEFFREYS, Sheila. *Retorno al genero: el postmodernismo y la teoria lesbiana y gay*. Disponível em:

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Mônica Sampaio. *Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade*. Rio de Janeiro, nº. 01, 1997, p. 17-32.

MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: Identidade Sexual e Política no Brasil da Abertura*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

MONTEIRO, Marko. *A Perspectiva do Gênero nos Estudos de Masculinidade: uma análise da revista Êle Ela em 1969*. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/~marko/artigo.html> Acessado em: 14/03/2004.

MORAES, Antônio Carlos R. *Introdução*. In: MORAES, Antônio C. R. Bases da formação territorial do Brasil. São Paulo, Hucitec, 2000, pp. 15-27.

NUNAN, A. & JABLONSKI, B. *Homossexualidade e Preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 54, n.1, 2002. p. 21-32.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. *Do espaço fechado ao espaço coletivo: o balé do lugar em meio à territorialidade da prostituição dos travestis na área central de Nova Iguaçu, RJ*. In: RIBEIRO, Miguel Angelo (Org.). Território e Prostituição na Metrópole Carioca. Rio Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2002, pp. 141-159.

PARKER, Richard G.. *Abaixo do Equador – culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PINHO, Osmundo de Araújo. *A experiência homossexual como uma experiência da modernidade..* Disponível em: <http://www.webzip.com.br/planetagay/homo17.htm> Acessado em: 06/06/2005.

PINHO, Osmundo de Araújo. *Alternativos e Pagodeiros: notas etnográficas sobre territorialidade e relações raciais no Centro Histórico de Salvador*. Estudos Afro-Asiáticos Nº 34, 1998, pp. 36-48.

PINHO, Osmundo de Araújo. *Pluralizando: Raça e Gênero*. Disponível em: <http://www.afirma.inf.br/pluralizando.htm>. Acessado em: 31/08/2004.

RATTS, Alecsandro J. P. *A geografia entre as aldeias e os quilombos: territórios etnicamente diferenciados*. In: ALMEIDA, Maria Geralda & RATTS, Alecsandro J. P. Ratts (Orgs.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 29-48.

RIBEIRO, Miguel Ângelo & MATTOS Rogério Botelho. *Territórios da prostituição de rua na área central de Goiânia* In: RIBEIRO, Miguel Angelo (org.). *Território e Prostituição na Metrópole Carioca. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição*. Rio Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2002, pp. 16-56.

SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAUER, Carl O. *A morfologia da paisagem*. In: ROSENDAHL Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Rio de Janeiro: Eduerj, 1998(1925).

SEEMAN, Jörn. *Mapeando as culturas e espaços: uma revisão para a geografia cultural*. In: ALMEIDA, Maria Geralda & RATTS, Alecsandro J. P. Ratts (Orgs.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 261-284.

SILVA, Jan Carlos da. In: RIBEIRO, Miguel Angelo (org.). *Território e Prostituição na Metrópole Carioca. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição*. Rio Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2002, pp. 16-56.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Castelo a Tancredo*. Tradução de Mário Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUSA, Alemar Moreira de & RATTS, Alecsandro J. P. *Armários e boates, casas e ruas: repertórios de espaços homoeróticos*. Comunicação apresentada no II Congresso da ABEH. Brasília: ABEH, 2004.

SOUZA, Marcelo José Lopes. *Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, Iná Elias (Org. et al). Geografia: Conceitos e temas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 77-116.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Trad. Rubem Mauro Machado, Rio de Janeiro – São Paulo, Record, 1996.

TREVISAN, João Silvério. *Já é hora de ir a luta*. Disponível em: <http://gonline.uol.com.br/gmagazine/olho/olho.asp>. Acessado em: 08/07/2004.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WITTIG, Monique. *O pensamento hetero*. Disponível em: http://www.geocities.com/girl_ilga/textos/pensamentohetero.htm Acessado em: 27/09/2004.

WOOD Elizabeth & BRETT Philip. *Música Lésbica e Guei*. Trad. Carlos Palombini. Disponível em www.humanas.ufpr.br/rem/remve7/brett_wood.html#philip Acessado em 04/07/2005.